



## CÁSSIO BITTENCOURT MACEDO

---

### Um construtor de caminhos

Julio Zaruch

**C**ássio Bittencourt Macedo. Engenheiro. Homem público. Empresário. Rotariano. Líder Classista. Empreendedor. Um construtor de caminhos. Personagem de múltiplas faces positivas. Sobretudo, um homem de família. Aos 90 anos, é o Patriarca, o cidadão respeitado, que cumpriu etapas da vida dentro do mais elevado padrão de dignidade e respeito ao próximo. Uma pessoa que nunca perdeu o bom humor nem diante das adversidades, como o problema de visão, irreversível, detectado anos atrás.

Como destaca na apresentação desta obra o engenheiro José Alberto Pereira Ribeiro, “Dr. Cássio sempre foi, e ainda é, antes de tudo, um engenheiro que amava trabalhar com a construção de rodovias e que percorreu uma trajetória de vida que se confunde em muitos momentos com a história do Paraná e com a execução de grandes obras”.

Certamente, se quem exerce, na atualidade, a transitoriedade do poder fizesse como Cássio fez, com dedicação e amor pela causa pública, muita coisa poderia ser diferente. E melhor.

**CÁSSIO BITTENCOURT MACEDO**

---

O construtor de caminhos



Júlio Zaruch

Curitiba, abril de 2012

PESQUISA E TEXTO

Júlio Zaruch

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Juliana Macedo Ribas

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Janaína de Sá Lorusso

FOTOS

Arquivo Pessoal

Arquivos da Apeop e do IEP

Eneas Gomez

REVISÃO

Cássio José Ribas Macedo

# APRESENTAÇÃO



## Uma trajetória de sucessos

A publicação deste livro é um orgulho e uma grande alegria para nós engenheiros e cidadãos paranaenses. A história do Dr. Cássio é incomum e nos dá uma grande satisfação lembrar os diversos fatos, os momentos convividos com ele e saber que fomos contemporâneos de uma época muito promissora da Engenharia paranaense.

O livro resgata a sua história e mostra a trajetória de sucesso de um homem, ao longo da vida, em todos os projetos e desafios em que se envolveu. Desde a sua juventude, ao disputar os vestibulares para a universidade e para o CPOR, se destacou, até tornar-se grande líder empresarial e dirigente de entidades de representação do setor de construção, depois de ter exercido vários cargos públicos.

Dr. Cássio sempre foi, e ainda é, antes de tudo, um engenheiro que amava trabalhar com a construção de rodovias e que percorreu uma trajetória de vida que se confunde em muitos momentos com a história do Paraná e com a construção de grandes obras.

Cássio Bittencourt Macedo, diplomado engenheiro civil em 1947, dedicou toda a sua vida ao exercício dessa profissão. O seu pai, Raul de Azevedo Macedo, que exerceu o cargo de prefeito de Curitiba, também foi engenheiro e participou do grupo que criou o Instituto de Engenharia do Paraná e o Crea-PR.

Daí vem a sua paixão por esta profissão. Jovem recém-formado, ele começou trabalhando em Londrina, como chefe da residência do DER e depois como diretor de Obras e Planejamento da Prefeitura, cargo que corresponde hoje ao de secretário. Chegou a ser secretário de estado de Viação e Obras Públicas do Estado, comandando a Copel, o DER, o porto de Paranaguá, os aeroportos, os departamentos de água, energia e telecomunicações, a estrada de ferro e a Telepar.

Como empresário, participou de várias empresas construtoras no Paraná, entre elas a Sinoda Construções S/A, a qual, como sócio-diretor, representou na Apeop (Associação Paranaense dos Empresários de Obras Públicas), entidade da qual foi presidente por três mandados, além de presidente do Instituto de Engenharia do Paraná.

Foi em sua gestão de 1977 na Apeop que fui indicado por ele a participar na futura diretoria liderada por José Burigo e sob sua orientação cheguei a ser presidente da casa durante quatro mandatos. Aprendi muito com a sua experiência de líder empresarial desenvolvendo ao seu lado muitos projetos em favor do Paraná. Juntos, fundamos em 1986 o Sicepot-PR (Sindicato da Construção Pesada). Dr. Cássio, numa demonstração de grandeza, não quis ser o seu primeiro presidente deixando a mim tamanha honraria. Motivos pelo qual com muita satisfação o chamo de “padrinho”.

Cássio casou com D. Ivete Ribas Macedo em 1948 e ficou viúvo em 1992, aos 70 anos. Mas nunca parou de trabalhar e de criar projetos para o estado. Casou novamente com D. Maria Amélia, retomando a sua vida. A sua família é muito tradicional no Paraná. Seus ascendentes remontam ao século XII.

Falar de Cássio é uma grande alegria porque ele tem história e uma longa vida de serviços ao estado. Mais do que um exemplo, é uma história que se confunde com a trajetória de nosso estado. É uma história de dedicação à causa pública e ao Paraná.

José Alberto Pereira Ribeiro

Presidente da Aneor

Associação Nacional de Empresas de Obras Rodoviárias

**CÁSSIO BITENCOURT MACEDO**







## **Londrina, uma tarde de verão**

- Prefeito, vamos refrescar esta cidade?

Londrina, no norte do Paraná, sempre foi uma cidade quente, com seus verões castigando a terra vermelha, o solo rico e fértil, de onde brotam as lavouras de café. Mas, naquele dia, uma data qualquer no calendário de meados dos anos 1950, o calor era especialmente forte.

O jovem engenheiro diretor de Obras e Planejamento da Prefeitura (cargo hoje equivalente a secretário municipal) conhecia bem os problemas do lugar. Palmilhava no dia-a-dia de trabalho aquele chão duas décadas antes elevado à condição de cidade, buscando soluções para os problemas, definindo prioridades e acompanhando de perto o trabalho dos operários. Não era um homem de gabinete. Seu habitat preferido eram os canteiros de obras.

Naquela tarde insuportavelmente quente, ele resolveu ousar. E propôs ao prefeito da cidade, também jovem e empreendedor, a criação de um grande lago em Londrina. Como? Bastava represar um dos dez rios e ribeirões que formam a bacia hidrográfica da região.

- Eu disse ao prefeito: só preciso do projeto da barragem; a obra, toco por administração direta, com o nosso pessoal.

E assim a represa do ribeirão Cambezinho começou a tomar forma.

Em dois anos, surgiu o lago Igapó, que, na língua dos índios, quer dizer "transvazamento de rios". O grande espelho d'água foi inaugurado no festivo 10 de dezembro de 1959, pelo prefeito Antonio Fernandes Sobrinho, juntamente com a primeira estação de tratamento de água da cidade, quando Londrina comemorava seu 24º aniversário como município.

Pelo decreto nº 2.519, de 3/12/1935, o então interventor federal no Paraná, Manoel Ribas, criou o município de Londrina, desmembrando-o de Jatahy, e a instalação ocorreu sete dias depois, com a posse do primeiro prefeito, nomeado, Joaquim Vicente de Castro.

O diretor de Obras e Planejamento, ou melhor, agora ex-diretor, pois fora, aos 35 anos, designado secretário de Estado, não participou da cerimônia, em razão de outros compromissos importantes. Seu nome também não constou na placa de inauguração, mas ele considerava a obra uma vitória sua.

Londrina poderia, daí para frente, respirar melhor. Mesmo nos verões escaldantes.

# O ENGENHEIRO



## **A primeira missão do recém-formado**

Cássio Bittencourt Macedo, aquele jovem que mexeu com a geografia de Londrina, diplomou-se em Engenharia Civil em 1947, pela Escola de Engenharia da Universidade do Paraná que, sete anos depois, seria federalizada. No Crea-PR (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia), então chamado Crea da 7ª Região, foi registrado sob o número 464/D. Esse mesmo número teria um significado muito especial em sua vida, bons anos depois.

O Crea-PR também era uma entidade nova. Havia sido criado em 1934, 13 anos antes, na sequência do Conselho Federal (Confea), implantado no ano anterior com a missão de regulamentar e fiscalizar o exercício da profissão de engenheiro, arquiteto e agrônomo. No Paraná, o Crea nasceu pelas mãos do mesmo grupo que, em 1926, fundou o Instituto de Engenharia do Paraná (IEP), do qual participava com destaque o pai de Cássio, também engenheiro, Raul de Azevedo Macedo, mais tarde prefeito de Curitiba.

Com suas atribuições profissionais legalizadas, Cássio Bittencourt Macedo foi designado pelo DER-PR (Departamento de Estradas de Rodagem), no início de 1948, como engenheiro residente do 7º Distrito Rodoviário de Londrina. Tinha, então, 25 anos de idade e começava por um setor pelo qual sempre fora apaixonado – o rodoviarismo.

Já no quinto ano de Engenharia atuava como chefe do serviço do TCPT (Transporte Coletivo e Policiamento de Tráfego) do órgão, que controlava as ações da Polícia Rodoviária Estadual e fiscalizava os ônibus intermunicipais. Coordenava os patrulheiros rodoviários, quase todos mais velhos do que ele, e

exercia com rigor a fiscalização do transporte coletivo. Certa vez, o empresário Celso Garcia Cid, de quem ficou amigo, convidou-o para trabalhar na Viação Garcia, da qual era presidente. Cássio, educadamente, recusou.

- Quero cuidar de estradas – disse, com a certeza de quem sabe o que quer.

O DER integrava a estrutura da Secretaria de Viação e Obras Públicas (SVOP), da qual Cássio seria o titular por duas ocasiões, assim como seu pai o foi por três períodos.

## **Pêndulos e números**

No mesmo quinto ano de Engenharia, em missão de estudos, Cássio foi com uma turma de 20 colegas à Argentina e ao Chile, cumprindo longos percursos de trem. Nas viagens, sentava-se sempre ao lado do professor, aproveitando para auferir novos conhecimentos.

Foi assim que aprendeu Radistesia, procedimento ou habilidade (não é aceita como ciência) que, segundo seus defensores, tem “a capacidade de captar radiações e energias emitidas por quaisquer objetos, geralmente com o auxílio de bastões, pêndulos e outros instrumentos, com a finalidade de encontrar água e minerais, corpos enterrados e objetos perdidos”.

Radistesia, cuja antiga denominação era rabdomancia, é palavra composta do termo latino radius (radiação) e do grego aithesis (sensibilidade). Cássio diz que para praticá-la a pessoa tem de ser bastante sensível, como aquelas que se arrepiam ao cortar as unhas ou quando tocam algum tipo de tecido, como o veludo.

Com o mesmo professor, aprendeu Numerologia e até hoje brinca com as iniciais dos nomes dos amigos e colegas, apurando

se o resultado da relação letras-números acaba em “noves fora”, o que, segundo ele, “é sempre bom”.

O diretor-presidente da Sinoda (empresa da qual foi sócio anos mais tarde), Adonis Bufrem, ao participar de uma concorrência pública, pedia sempre para Cássio rubricar todas as folhas da proposta para dar sorte. CBM, iniciais de Cássio Bittencourt Macedo, somam nove (C-3, B-2, M-4), noves fora zero. Quando não havia interesse na obra, mas era importante marcar presença no processo, Cássio era “desconvidado” a rubricar os papéis.

Ele também conta que, em Paranaguá, onde o pai era superintendente do Porto, costumava ler, nas mãos, a sorte das pessoas. E sempre antevia coisas boas.

## **A grande família Macedo**

O avô de Cássio Bittencourt Macedo, o coronel João Ribeiro de Macedo, era dono de uma vasta área verde no bairro Pilarzinho, às margens da rua Nilo Peçanha, em Curitiba. Hoje, o lugar chama-se Bom Retiro e o terreno da chácara da família, que mais tarde abrigou um hospital psiquiátrico, foi vendido em 2010 para um grande empreendimento imobiliário e comercial. E foi ali que, em 13 de abril de 1922, uma quinta-feira, nasceu o menino Cássio, segundo filho de Raul Azevedo Macedo e de d. Damazina Bittencourt Macedo, irmão de Dyrce e de Raul Filho.

Os Macedo constituem uma numerosíssima família, cujos ancestrais remontam ao século XI, “com o nobre Gonçalo Annes Borges, décimo primeiro avô de Simão Borges de Cerqueira, pai de Maria Cerqueira Leme, a qual casou em Itú com o fidalgo Duarte de Távora Gambôa, natural de Alhos Verdes, Portugal”, conforme citam

João Noel Azevedo Macedo e Enólia Macedo Bacelar, primos de Cássio, no livro “Genealogia de Manoel Ribeiro de Macedo”.

A Genealogia familiar revela que pelos nomes de seus ascendentes a família Macedo descende dos Távoras, “que têm suas nobrezas firmadas no século XII” e cita a Genealogia Paranaense: “Dos Macedo Baldragas, cuja nobreza data de 1350, dos Gambôa ligados aos Távoras, dos Callados, que foram enobrecidos em 1526 e 1533, dos Borges, dos Cerqueiras, todos de antigüíssimas nobrezas, por serviços relevantes prestados à Pátria Lusitana, em encontros memoráveis (...)”.

Durante certo tempo, os membros da família Macedo de São Paulo e do Paraná (ainda 5ª Comarca de São Paulo) “relegaram os apelidos Távora e Gambôa e outros que lhe pertenciam, mesmo os Callado e de Macedo, que deixaram de usar por algum tempo”. Talvez o motivo fosse o mesmo que levou seus ancestrais a “ocultar seus apelidos (sobrenomes), a fim de não virem sofrer as perseguições dos tiranos capitães gerais...”

Duarte de Távora Gambôa e d. Maria de Cerqueira Leme – segundo a mesma Genealogia – tiveram uma filha de nome Catharina de Macedo Baldraga, casada com João Corrêa da Fonseca. Este casal é o tronco da Família Macedo no Estado do Paraná. Entre seus netos, está Manoel Ribeiro de Macedo, bisavô paterno de Cássio, cujo nome fundamenta a árvore genealógica da família organizada por João Manoel Azevedo Macedo e Enólia Macedo Bacellar e que registra quase nove mil descendentes.

Manoel Ribeiro de Macedo foi o terceiro filho de Catharina Ribeiro de Macedo e de Manoel Ribeiro Callado. Nasceu na Vila de Cananéia (SP), onde o pai era comerciante de tecidos, em 28 de fevereiro de 1804. Casou-se duas vezes: com Leocádia Lourença das Dores Macedo e, viúvo, com Francisca de Paula

Pereira e Macedo. Após o segundo casamento, em 1839, mudou-se para Morretes, litoral do Paraná, onde em apenas um ano foi comerciante, juiz de paz e vereador. Em 1840, estabeleceu engenho de erva-mate na vizinha Porto de Cima onde nasceram seus 13 filhos com Francisca, entre eles João Ribeiro de Macedo. Mais tarde, transferiu-se com a grande família para Campo Largo (PR), onde implantou novo engenho de mate.

Seguindo os passos do pai, João Ribeiro de Macedo, nascido em 18 de novembro de 1850, foi, desde muito jovem, comerciante de erva-mate. Casou-se com Anna Maria de Azevedo Macedo, alguns meses mais velha do que ele. Foi destacado político na cidade de Campo Largo (hoje integrante da Região Metropolitana de Curitiba) e um dos desbravadores da Vila de Teixeira Soares (PR), onde estabeleceu engenho de erva-mate e uma serraria, depois dirigida pelo filho Manoel Azevedo Macedo. Fabricava móveis, caixas e cabos de vassoura. Gerava sua própria energia elétrica, cujo excedente cedia gratuitamente à Prefeitura para iluminação da vila.

João Ribeiro de Macedo, segundo a Genealogia da família, foi também descobridor da fonte de água mineral, que denominou de "Ouro Fino", na localidade de Bateias, em Campo Largo. Foi presidente da Associação Comercial do Paraná na gestão 1900/1901 e um dos fundadores do Jornal do Comércio do Paraná. Morreu em 21 de julho de 1912.

João e Anna Maria tiveram 11 filhos: Francisco Ribeiro Azevedo Macedo, casado com Clotilde Azevedo Portugal Macedo; Othilia de Macedo Loyola, com Jayme Loyola; Flávio Azevedo Macedo, com Francisca Ribas de Macedo; Manoel Azevedo Macedo, com Leonídia de Macedo; João Arthur Macedo, solteiro; Eliza de Azevedo Macedo, com Plácido Ribeiro de Macedo; João Ribeiro de Macedo Filho, com Francisca Adelaide de Macedo; Anna de



Macedo Portugal, com Clotário de Macedo Portugal; José de Azevedo Macedo, com Adalgiza Portugal de Macedo; Sílvia de Azevedo Macedo, com José Pereira de Macedo; e Raul de Azevedo Macedo, com Damazina Bittencourt Macedo.

Flávio de Azevedo Macedo, tio de Cássio, foi precursor de um importante empreendimento que movimentou Curitiba nos anos 1940. Ele havia comprado um amplo terreno, conhecido como Chácara do Ahu, de um mestre ferreiro alemão, Michael Müller, que veio com a família ao Brasil em 1828, fixando-se em Paranaguá e Antonina, antes de chegar à capital paranaense.

Como a chácara possuía fonte de água de excelente qualidade, embora não mineral como foi provado anos depois, mas graças ao jeitinho brasileiro, Macedo obteve do interventor Manoel Ribas, em 2 de dezembro de 1939, a concessão por 10 anos para explorar, “na estância hidromineral Aú” (sem h, corrigido depois) “cassinos, aposentos para hospedagem, restaurante, bar, piscina para banhos, salões para banquetes e recepções, conferências, festas beneficentes, jogos permitidos e outras diversões comuns a cassinos”, o que era listado na lei das estâncias balneárias e hidrominerais.

De posse da concessão, publicada no Diário Oficial nº 2.205, daquele mesmo dia, Flávio Macedo arrendou o lugar para os srs. Acyr Guimarães, Domiciano Serrato e Paschoal Conzo. O Cassino Ahu foi inaugurado dia 25 de janeiro de 1940 e fechou as portas em 30 de abril de 1946, por força de decreto baixado pelo presidente general Eurico Gaspar Dutra, que acabou com o jogo no país. Em seus pouco mais de seis anos, recebeu grandes orquestras e importantes nomes da música brasileira e internacional. Consta que até Walt Disney esteve por lá, em 1941, quando uma pane no avião em que viajava dos Estados Unidos a Buenos Aires obrigou a um pouso de emergência no aeroporto do Bacacheri, em Curitiba.

As instalações do Cassino Ahu, recicladas e ampliadas, abrigam hoje o Colégio Bom Jesus Divina Providência.

## **1922, um ano de transformações**

O mundo ao qual o menino Cássio abriu os olhos pela primeira vez, passava, naquele 1922, por importantes transformações, registrando fatos marcantes que teriam visíveis desdobramentos nas décadas seguintes. Um deles foi a formação da União Soviética, ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que emergiu da Revolução Russa, de 1917, e da Guerra Civil Russa (1918-1921), e que seria desmontada 67 anos depois, com a queda do Muro de Berlim. Foi também o ano da extinção do Império Otomano e da independência do Egito; da morte do papa Bento XV (Giácómo della Chiesa) e da eleição de seu sucessor, Pio XI, o cardeal Achille Ratti; Mussolini torna-se primeiro-ministro da Itália.

No Brasil, Artur Bernardes, eleito presidente da República em 1º de março, toma posse em 15 de novembro. O país, que comemora 100 anos do Grito do Ipiranga, que selou sua independência de Portugal, dá um grande salto no âmbito cultural com a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo.

Em 1922, nasceram personalidades da vida artística, como Vitório Gassmann, Yvonne de Carlo, Judy Garland, Pier Paolo Pasolini, Ava Gardner, Tônia Carrero, Paulo Autran, Bibi Ferreira, o escritor português José Saramago e o político brasileiro Leonel Brizola.

No Paraná, onde o censo de 1920 apontara uma população de 685.711 habitantes, Caetano Munhoz da Rocha cumpria o segundo ano como governador, assim como o prefeito de Curitiba, engenheiro João Moreira Garcêz, que administrou a cidade de 1920 a 1928 e retornou, mais uma vez nomeado, em

1943. Os bondes puxados a mula, inaugurados em 1887, haviam sido substituídos pelos elétricos, que faziam as linhas Batel, Asilo/Cemitério Municipal, Prado/Matadouro e Juvevê. Os primeiros ônibus só começariam a rodar em 1928.

## **O cavalo do interventor**

Da bela chácara do Pilarzinho/Bom Retiro, onde nasceu, Cássio, aos três anos de idade, mudou-se com os pais e irmãos para outra chácara, no bairro Santa Quitéria, em Curitiba, de propriedade do tio Francisco, irmão mais velho de seu pai. Havia a opção, descartada, de residir em outra belíssima área verde recém comprada pelo avô: um terreno de 100 alqueires em Bateias, município de Campo Largo, que, anos depois, vendido à família Mocelin, daria origem à Estância Hidromineral Ouro Fino, berço da famosa água mineral paranaense. Foi o coronel Macedo quem delineou os contornos do que viria a ser um atraente ponto turístico do estado, com alamedas emolduradas por hortênsias e matas de araucária.

Em 1933, o pai, Raul de Azevedo Macedo, engenheiro da Secretaria de Viação e Obras Públicas, foi nomeado chefe da 2ª Residência do Departamento de Obras de Viação (mais tarde DER) em Ponta Grossa e para lá seguiu também o menino Cássio, para quem a vida, a par do aprendizado das primeiras letras e dos primeiros números (que o faziam um apaixonado pela matemática), era só brincar.

A sede da 2ª Residência ficava à beira da rua Engenheiro Chambert e, nos fundos, era a casa da família. Um dia, apareceu por lá o interventor Manoel Ribas – que governaria o Paraná por 13 longos anos, nomeado pelo presidente-ditador Getúlio Dornelles Vargas. Fora inspecionar as obras da estrada Prudentópolis-Guarapuava, que eram executadas sob o comando do engenheiro Raul.

Cássio lembra como se fosse hoje: Manoel Ribas, com seu chapelão desabado, ao vê-lo nas imediações da Residência, perguntou-lhe:

- Menino, você sabe andar a cavalo?

E, mesmo sem esperar a resposta, arrematou:

- Vou te dar um cavalo de presente.

Quatro anos depois, com o pai já diretor do Porto de Paranaguá, a história se repetiu. E a promessa do presente, também.

Cássio, sem papas na língua – característica que o marcaria para o resto da vida, apesar de seu temperamento sempre conciliador, educado e muito bem humorado -, respondeu de pronto:

- Isso o senhor já me prometeu antes, lá em Ponta Grossa. E não me deu o cavalo!

Manoel Ribas virou as costas e saiu pisando duro.

## **Vestibular e CPOR, um duplo desafio**

O estágio seguinte de aprendizado de Cássio foi em Curitiba, no Ginásio Paranaense (atual Colégio Estadual do Paraná), que funcionava na esquina das ruas Dr. Muricy e Saldanha Marinho, hoje um prédio tombado pelo Patrimônio Histórico e que abriga a Secretaria de Estado da Cultura. Ele veio para Curitiba morar com uma tia, na rua Saldanha Marinho. Pouco depois, o pai comprou uma casa na rua Desembargador Motta.

Chegou, então, o momento de se preparar para o vestibular. Como o pai, Cássio queria ser engenheiro. E um bom engenheiro.

Mas havia um duplo desafio pela frente. Além do vestibular na Escola de Engenharia, era também preciso cumprir o dever cívico

de servir a Pátria. E quem quisesse ingressar no CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, hoje NPOR; N de Núcleo) também deveria enfrentar um difícil exame de seleção. Quem reprovasse, era condenado a servir como soldado raso.

Cássio lembra a história de um jovem contemporâneo seu que, ante a ameaça de vestir a farda de soldado raso, mandou arrancar todos os dentes. E assim livrou-se da caserna.

O estudioso Cássio passou nos dois vestibulares – de Engenharia e do CPOR, cujo quartel ficava na rua Riachuelo. Cumpriu os dois cursos com brilhantismo, a partir de 1943. Ao Exército, durante dois anos, dedicou todos os seus finais de semana, feriados e férias. Somente décadas depois é que o CPOR teria curso corrido de um ano. Em 1945, durante Segunda Guerra Mundial, estagiou como aspirante do 3º RAM (Regimento de Artilharia Montada), de onde saiu como 2º tenente. Seu comandante era o então capitão e depois major Ney Amintas de Barros Braga, que teria papel importantíssimo na política paranaense e brasileira, como chefe de Polícia (hoje secretário de Segurança), prefeito de Curitiba, deputado federal, governador duas vezes, senador e ministro da Agricultura e da Educação, além de diretor geral brasileiro da Itaipu Binacional.

Em suas conversas para este livro, Cássio, sempre com muito bom humor, lembra um acontecido ao tempo de aspirante do CPOR, em 1945. Ele havia ganhado um carro do pai, “um fordinho modesto” e aprendeu a dirigir com um motorista do Porto. Uma tarde, em Curitiba, atropelou e matou um cachorro.

- Era só um vira-lata – contou ao pai.

O Dr. Raul mandou-o se explicar ao dono do cachorro.

- Fui fardado, embora fosse quarta-feira à tarde e não houvesse expediente no quartel. O homem era sargento, achou que eu era tenente, bateu continência e disse que ele é quem devia desculpas pelo cachorro estar na rua.

Duas coisas erradas e nova bronca do pai: - "Nunca mais faça isso!"

- Aprendi a lição, que me serviu para o resto da vida - confessa.

- Fui fardado, embora fosse quarta-feira à tarde e não houvesse expediente no quartel. O homem era sargento, achou que eu era tenente, bateu continência e disse que ele é quem devia desculpas pelo cachorro estar na rua.

Duas coisas erradas e nova bronca do pai: - "Nunca mais faça isso!"

- Aprendi a lição, que me serviu para o resto da vida - confessa.



*Cássio, d. Maria  
Amélia, João Enéas  
Ramos de Sá e esposa  
e José Alberto Pereira  
Ribeiro*

---

*Cássio com um grupo  
de amigos e colegas*

---



*Em viagem ao Chile,  
nos tempo de acadêmi-  
co de Engenharia*

---





*Cássio e a irmã Dirce,  
na inauguração da  
placa da rodovia Raul  
Azevedo Macedo*

---



*Com o prefeito de Curituba, Rafael Greca,  
Margarita Sansone e  
d. Maria Amélia*

---



*Com d. Maria Amélia,  
na homenagem recebida  
da Fiep*

---



*José Alberto Pereira  
Ribeiro condecora  
Cássio com a Medalha  
do Mérito Industrial  
da Fiep*

---



*Engenheiro do  
ano de 2003*

---

# O HOMEM PÚBLICO



## O asfalto chega ao Norte paranaense

Com o diploma de engenheiro, obtido em 1947, Cássio preparava-se para uma longa e vitoriosa jornada profissional, que começou comendo o pó e amassando o barro vermelho do norte paranaense. Seguiu os caminhos do pai. Era também chefe de Residência do DER, a 7ª, em Londrina. Logo, logo, tingiria de negro os primeiros quilômetros da rodovia ligando Londrina a Cornélio Procópio, que no total seriam 85, com o asfalto que era produto importado e só podia ser comprado com a autorização do governo federal.

Ao longo de sua vida como profissional, homem de governo, rotariano e líder classista, Cássio conviveu com a grande maioria de seus colegas de turma. Os engenheiros diplomados em 1947, que tiveram como patrono o professor Durval de Araújo Ribeiro e paraninfo, o professor Máximo Atílio Azinelli, eram 72: Adelino Alves da Silva, Adyr Ferreira, Agostinho Schwab, Alfredo Geraldo Sica Pinto, Álvaro Fontana Junqueira, Américo Nicz, Arnaldo Emmanoel Gaensly, Arthur Luiz Pereira de Lacerda, Bernardo Augusto da Veiga, Carlos Afonso Meissner Osório, Carlos Losse Junior, Cássio Bittencourt Macedo, Clemente Helmo Gubert, Conrado Bruno Corazza, Dante Campagno, Edmir Silveira D'Ávila, Emílio Klüppel Pederneiras, Eros Pacheco de Carvalho, Estefano Mikilita, Euclides José Wotzasek, Fábio Miró de Medeiros, Florisvaldo Rufino Tosin, Geraldo Saporiti Campello, Haylton Silva, Ítalo Contin, Ivo Bittencourt, Jaime Cândido Ribeiro, Jaime Wasserman, João Dernízio Puppi, João Enéas Ramos de Sá, João Guimarães da Costa, Jorge Laertes Isfer, José Hrast, José Jacob Wasilewski, José Kulevicz, José Piaskowski, José Valdomiro de Macedo, Jost Sigel, Júlio Alberto Habitzreuter, Július Alberto Jankosz, Labib Tuma, Lourival Torrens Malschitzky, Leônidas

Justus, Lindolfo Pessoa da Cruz Marques Filho, Luiz Henrique Parigot de Souza, Manoel Cecílio Ribeiro Martins, Maurício Bueno, Maurício D. Girardello, Mauro Batista, Maximiliano Kloss, Máximo Ivo Domingues, Moacyr Teixeira, Nelson Baraúna Moreira, Ney Pompeo Machado, Newton Borges dos Reis, Nilo Saldanha, Olavo Alves de Oliveira Filho, Olavo Tavares, Omar Sabbag, Péricles D'Ávila Mendes, Pery Leite Ferreira Junior, Ricardo Rodolpho Seyer, Rubens Meister, Rui João Cirilo Ramos Soares, Sylvio Luiz Zan, Tabajara Wendt da Costa, Ubiratan Gomes, Ubiratan Pena, Victor Otto Schaeffer, Yaroslau Sessak e Zigmundo Dionísio Stasiak.

Quando Cássio aportou em Londrina, como engenheiro-chefe residente, em 1948, a cidade, distante 390 quilômetros da Capital, contava com pouco mais de 40 mil habitantes. Londrina surgiu por obra da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) que, em 1929, fundou o Patrimônio Três Bocas, primeiro núcleo de sua colonização. Três anos depois, por sugestão do presidente da empresa, João Sampaio, o nome mudou para Londrina, ainda pertencente ao município de Jatahy. Uma homenagem a Londres, sede da matriz da Paraná Plantation, acionista majoritária da CTNP, antiga Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná, que havia adquirido do governo do Estado cerca de 1.300 hectares de terra, que dariam origem a dezenas de cidades do Norte e Noroeste.

De acordo com o livro "O Paraná e seus municípios", de João Carlos Vicente Ferreira (Ed. Memória Brasileira), em 1943 Londrina tinha área de 23.562 km<sup>2</sup>; nos cinco anos seguintes, perdeu 20.690 km<sup>2</sup>, de cujo desmembramento surgiram Apucarana, Araçongas, Mandaguari, Maringá, Nova Esperança e Paranavaí. Hoje, o território de Londrina se resume a pouco mais de 2 mil km<sup>2</sup>, pois os desdobramentos prosseguiram.

Como cita a obra de Ferreira, baseada na de Franco de Sá “A Língua Portuguesa”, o termo Londres é de origem celta; em latim, é Londinium. “Da velha forma anglo-saxônica Londino, acentuada na primeira vogal, saiu a forma francesa Londres, da qual derivou-se o português e o espanhol; no italiano, ficou Londra e, no inglês, London”.

Nesse cenário promissor, Cássio pôs mãos à obra. Tinha, entre outras atribuições, uma grande responsabilidade: executar a primeira pavimentação asfáltica do Norte paranaense, definida pelo diretor do DER, o engenheiro Luiz Carlos Pereira Tourinho, autor do primeiro plano rodoviário do Paraná e introdutor da aerofotogrametria no estudo de estradas. O governador era Bento Munhoz da Rocha Neto, que ocupava o antigo cargo do pai, Caetano.

Cássio lembra os tempos pioneiros. Em épocas de chuva, a estrada era um lamaçal; na estiagem, um poeirão danado. Os carros, sem visibilidade, trombavam de frente. Caminhões irrigadores eram apenas um paliativo. Só o asfalto resolveria, mas era produto caro, raro e importado. O governador acabou cedendo aos argumentos de seu auxiliar e decidiu autorizar a obra.

O processo de concorrência pública definiu as empresas vencedoras dos três trechos, que somavam, numa primeira etapa, 85 quilômetros. Uma das firmas não aguentou o tranco. Cássio, então, requisitou o equipamento, montou uma equipe própria do DER e tocou aquela parte da obra por administração direta. Colocou em prática os ensinamentos obtidos em um curso realizado em São Paulo, logo após a formatura, sugestão do amigo Anyro Pereira Jorge, com quem trabalharia anos depois e que teve papel importante em determinado momento de sua vida. Ao mesmo tempo, ficava de olho atento ao trabalho das duas outras empreiteiras, exigindo um serviço de qualidade.

Vale lembrar que a malha pavimentada de rodovias estaduais no Paraná era de apenas 120 quilômetros.

Quando, décadas mais tarde, recebeu da Fiep (Federação das Indústrias do Estado do Paraná) a medalha do Mérito Industrial, Cássio destacou, em seu discurso de agradecimento, que “tive o privilégio de realizar o grande sonho de minha vida, ao começar a pavimentação de uma rodovia de grande importância no norte do Paraná”. E recordou, com emoção, que o então ministro dos Transportes, engenheiro Edmundo Régis Bittencourt – que hoje dá nome rodovia à BR-116 entre São Paulo e Curitiba -, afirmou, quando percorreu a obra, que o Paraná era o primeiro estado brasileiro a iniciar um plano de pavimentação em larga escala dirigido a outro estado (São Paulo), antes mesmo de completar uma ligação asfáltica com a sua própria capital.

A obra credenciou Cássio a uma lista tríplice para a escolha do novo diretor do DER. O empresário Moysés Lupion vencera as eleições para o governo do Paraná, cujo comando havia exercido em período anterior, de 1947 a 1951. Naquela ocasião, derrotou nas urnas o engenheiro Bento Munhoz da Rocha Neto, que, quatro anos depois o substituiria no cargo, legando ao Paraná uma série de obras, a começar pelo Centro Cívico de Curitiba. O Palácio do Governo situava-se, então, no Alto do São Francisco, diante da praça João Cândido; hoje, o prédio abriga o Museu Paranaense.

Enfim, Lupion inicia seu segundo mandato e queria obras. Já conhecia o trabalho de Cássio, mas o escolhido para o DER acabou sendo um engenheiro gaúcho, com o qual Cássio se estranhou logo na primeira inspeção da obra que dirigia, no Norte paranaense. Resolveu, então, licenciar-se do cargo, sem vencimentos, para se dedicar à iniciativa privada. Mas teve de adiar seus planos.

## Um convite inesperado

Em 1956, o prefeito de Londrina, Antonio Fernandes Sobrinho, um paulista de São José do Rio Preto, conhecendo seu trabalho, convidou-o para assumir o Departamento de Obras e Planejamento da cidade. Cássio, de pronto, aceitou o novo desafio.

Nos quase dois anos em que dirigiu o Departamento, Cássio conduziu a construção de importantes obras para Londrina, como o Lago Igapó, a construção da Concha Acústica na praça principal, cujo entorno foi todo pavimentado, e um estádio de futebol, dando nova estrutura a “um campinho de futebol utilizado em disputas entre funcionários da Cerâmica Mortari e por times de futebol amador de Londrina”. Construiu a primeira parte das arquibancadas. O estádio recebeu o nome de Capitão Aquiles Pimpão, mudado em 1954 para Vitorino Gonçalves Dias, conforme consta do site da Prefeitura da cidade. Em gestões seguintes, foi ampliado e reformado.

Criou também um plano comunitário de pavimentação, que espalhou asfalto por várias ruas da cidade, sempre com adesão quase total dos moradores, inclusive a de um adversário histórico do prefeito, que foi o primeiro a pagar.

Quando foi para Londrina, Cassio estava noivo de Ivete Ribas, com quem casou em 1948, na igreja do Bom Jesus, em Curitiba, de significado importante em sua vida, pois ali fora batizado e crismado. Seus três filhos – Ana Cristina, Cássio José e Raul Henrique – nasceram em Londrina.

Nas reminiscências dos anos que passou à frente da Residência do DER na Capital do Café, Cássio cita que o dia em que o menino Cássio José perguntou:



- Pai, esta casa onde moramos é nossa?
- Não – respondeu o pai -. É do DER.
- E o carro, é nosso?
- Não, filho. O carro é do DER.
- E o nosso telefone, é também do DER?
- É, tudo aqui pertence ao DER – confirmou o pai.

Um pouco assustado e decepcionado, o menino chegou mais perto e quase sussurrou:

- Pai, e o cachorro... é nosso ou do DER?

Cássio o abraçou e o tranquilizou:

- Fique tranquilo, filho, o cachorro é nosso.

As obras do Lago Igapó caminhavam para o final, quando Cássio foi chamado pelo governador Lupion a Curitiba.

Ao chegar ao Palácio São Francisco, foi surpreendido com o convite para ser secretário de Viação e Obras Públicas do Estado. Argumentou que não poderia assumir porque estava empenhado na execução de uma obra que havia sugerido e julgava de extrema importância, a do Lago Igapó.

Ao que Lupion retrucou:

- O senhor, como funcionário público, deve acatar ordens superiores. Volte a Londrina, acerte as coisas e venha assumir. O decreto já está pronto.

E assim foi feito. O jovem diretor de Obras e Planejamento passou o bastão da obra, que se encaminhava para o final. Com orgulho, lembra que, no entorno do lago não havia uma única casa e que, hoje, a região, toda ocupada, é uma das mais valorizadas de

Londrina, o lago foi multiplicado e a área verde transformou-se num grande parque municipal.

A dinâmica do executivo e o conjunto de realizações de sua gestão na Diretoria de Obras e Planejamento quase levaram Cássio a ser lançado candidato a prefeito de Londrina. Antonio Fernandes Sobrinho chegou a cogitá-lo como seu sucessor.

## **O ministro, o colégio e o portal**

O marechal Henrique Batista Duffles Teixeira Lott havia marcado a inspeção para às 7h da manhã. Lott era o ministro da Guerra (hoje Exército) do governo Juscelino Kubitschek de Oliveira e viria a Curitiba verificar o andamento das obras de construção do Colégio Militar, no bairro Tarumã. Cássio chegou 10 minutos antes, como normalmente o fazia nos compromissos com o governador Moysés Lupion. Mas o ministro já estava lá, com alguns assessores, percorrendo as instalações. Antes mesmo do governador.

O Colégio Militar de Curitiba, que Lott havia fundado em 1958, iria ocupar as antigas instalações da Exposição Internacional do Café, realizada em Curitiba em 1953, no governo Bento Munhoz da Rocha Neto, em comemoração ao primeiro centenário de emancipação política do estado. Cássio, como secretário de Viação e Obras Públicas do Paraná, era o responsável pelas obras, que já estavam adiantadas.

Quando chegou ao Tarumã, ouviu, do ministro, críticas com relação ao exagerado número de banheiros para um colégio. Explicou, então, que as instalações já existiam e que os banheiros destinaram-se, anos antes, a atender ao grande número de visitantes da exposição do café. O ministro aceitou a argumentação, mas,

ao se despedir, chamou a atenção para o portal de acesso à obra, também herança da edificação anterior.

- Se ventar muito, este portal não aguenta, pois está errado em relação à direção do vento - disse Lott.

De fato, um mês depois, com chuva seguida de forte ventania, o portal desabou. E foi reconstruído dentro dos padrões eficientes de engenharia.

O Colégio Militar foi inaugurado oficialmente em 21 de abril de 1959. Cássio não era mais o secretário. Havia passado o cargo - para o pai, Raul Azevedo Macedo -, em razão de querelas político-partidárias, como se verá mais adiante.

O marechal Henrique Lott, um grande personagem da República, extremamente legalista, marcou presença na história do Brasil. Mineiro de Barbacena, onde nasceu em 16 de novembro de 1894, foi ministro da Guerra do presidente João Café Filho, que assumiu em 1954 com a morte de Getúlio Vargas. Manteve rigorosamente a ordem pública nos dois governos-relâmpagos (Carlos Luz e Nereu Ramos, presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, respectivamente) que se seguiram ao de Café, que havia se afastado por problemas de saúde. Além disso, garantiu a posse de Juscelino, que uma facção dos militares pretendia impedir, alegando ter JK sido eleito presidente sem maioria absoluta de votos, o que a legislação não previa na época.

Lott foi ministro da Guerra durante todo o governo JK (1956-1961). Candidato a presidente da República, foi derrotado por Jânio Quadros, ex-prefeito e ex-governador de São Paulo, fenômeno eleitoral de então.

## Uma super-secretaria

A Secretaria de Viação e Obras Pública (SVOP) comandava, em 1957, uma superestrutura. No seu organograma estavam órgãos como Copel, DER, Porto de Paranaguá, aeroportos, os departamentos de Água e Esgoto, de Águas e Energia Elétrica, de Edificações e Obras Especiais, de Telecomunicações, a Estrada de Ferro Central do Paraná, e o serviço de telefones, mais tarde transformado na Telepar (Companhia de Telecomunicações do Paraná). Cássio Bittencourt Macedo, aos 35 anos de idade, liderava esse complexo.

No ano e meio que ficou à frente da Pasta, percorreu todos os municípios do Paraná – eram 200 na época. De carro, avião, barco, o que fosse possível. Dominava todos os assuntos relativos à SVOP e tinha bastante conhecimento dos problemas de outras secretarias - muitos eram interligados - e, nas visitas, conversava com prefeitos, vereadores, empresários e com a população em geral. Nas reuniões do secretariado, muitas vezes alguns dos secretários não tinham resposta imediata para uma questão colocada pelo governador sobre um determinado problema em um município. Mas Cássio sempre tinha uma explicação, mesmo para as questões alheias.

O governador Lupion, como Jânio Quadros, ou até mesmo antes dele, tinha o hábito de enviar bilhetinhos, cobrando providências. Cássio se propôs como meta eliminar os papeizinhos destinados à SVOP, antecipando-se nas soluções e, em consequência, desmotivando as cobranças.

E lembra a primeira viagem com o governador ao interior do Estado, com destino a Palmas. Tendo ingressado na equipe

praticamente na metade do mandato, não conhecia, ainda, em detalhes, os procedimentos e as manias do governador. O encontro seria no castelo de Lupion, no Batel: café da manhã às 5h30, partida às seis, de carro. Para ganhar tempo, Cássio não fez a barba. O governador, bom observador, chamou sua atenção. Lição aprendida para o futuro.

- Seu Moysés era uma pessoa muito inteligente, excelente no trato com os demais, mas muito exigente. E acessível. Não apenas assinava os processos, mas, em boa parte das vezes, redigia os despachos, recorda Cássio que, um dia levou ao governador a reivindicação do quadro de engenheiros do Estado de equiparação dos vencimentos aos procuradores e promotores públicos, que recebiam o dobro. Lupion concordou e baixou decreto igualando os salários. Mas, por questões jurídico-administrativas, a medida foi anulada no governo seguinte.

Como titular da SVOP na primeira vez, o engenheiro Cassio Bittencourt Macedo coordenou algumas cessões de terrenos para a construção de obras sociais, como a Sociedade Socorro aos Necessitados e a das Irmãs Oblatas do Redentor e para um empreendimento de ensino que hoje engrandece o Paraná, que é o câmpus da Pontifícia Universidade Católica (PUC), no Prado Velho, há mais de 50 anos. Uma área com boa história: um século atrás, num certo dia de 1912, ali aterrissou um pequeno avião, o primeiro pouso de aeronave registrado em Curitiba. Mais tarde abrigou o Hipódromo do Guabirota, desativado em 21 de novembro de 1955, depois de 56 anos de corridas, transferidas para o Hipódromo do Tarumã.

Cássio, como secretário de Obras, conduziu os entendimentos para a doação, reivindicada pelo arcebispo metropolitano de Curitiba Dom Manuel da Silveira D'Elboux que, ao assumir a Arquidiocese, em 8 de dezembro de 1950, trouxe na bagagem o propósito de aqui

instalar uma universidade católica. O terreno tinha 300 mil metros quadrados, onde, num determinado espaço, funcionava uma escola pública. O engenheiro fez uma exigência: o governo doaria 290 mil metros quadrados e os 10 mil restantes ficariam para a escola. Afinal, se uma universidade iria ser construída, era fundamental preservar um estabelecimento que permitiria os passos iniciais de alunos em direção ao ensino superior. E assim foi feito.

Outro trabalho do qual tem boas recordações foi o da reforma do presídio do Ahu, inclusive com a construção de um novo pavimento. Cássio sugeriu que o trabalho fosse feito pelos próprios presidiários, que eram vigiados a distância. Ao final do mês, cada um recebia meio-salário mínimo.

- Reduzimos o tempo ocioso dos presos, fizemos economia para o estado e acho que demos um bom exemplo!

## **De pai para filho, de filho para pai**

Cássio Macedo era um engenheiro, um técnico, não tinha militância política, mas, a convite do então coronel Luiz Carlos Pereira Tourinho, quando este dirigia o DER, era filiado ao PSP (Partido Social Progressista), desde os tempos de Londrina. Tourinho era o presidente regional do PSP, cujo comando nacional era do ex-governador de São Paulo, Ademar de Barros, que mais tarde voltaria ao cargo e seria também candidato à Presidência da República, derrotado, como o marechal Lott, por Jânio Quadros.

Em meados de 1958, o PSP rompeu com o governador Moysés Lupion, que era do PSD (Partido Social Democrático). Cássio, então, apresentou seu pedido de demissão. Lupion, que gostava muito do seu trabalho, ficou indeciso, mas era necessário cumprir os rituais político-partidários. Aceitou, mas com uma

única condição: que o substituto de Cássio fosse o seu pai, Raul de Azevedo Macedo, também engenheiro e que já tinha sido titular da SVOP, diretor do Porto de Paranaguá e prefeito de Curitiba.

Aposentado, Raul Macedo estava em Guaratuba, onde tinha casa. Lupion mandou Cássio em seu próprio carro oficial buscá-lo. Encontrou o pai consertando o telhado. O homem achou que era uma brincadeira do filho e só se convenceu quando viu o carro do Palácio do Governo e o motorista, que já conhecia. Assumiu dias depois e, na posse, em tom humorado, comentou que “negócio de pai para filho é bom, mas de filho para pai, nem sempre”. E pediu que Cássio o auxiliasse na missão, assumindo a direção do Departamento de Edificações e Obras Especiais da SVOP.

## **Os exemplos do velho Raul**

Cássio Macedo sempre que fala do pai o faz com muito carinho. São boas recordações de um homem sempre dedicado à família e ao trabalho e que legou aos filhos uma herança de bons exemplos.

Raul de Azevedo Macedo, filho de João Ribeiro de Macedo e de Anna Maria Azevedo Macedo, nasceu em 30 de julho de 1891, em Campo Largo (PR). Diplomou-se engenheiro em 1918, na primeira turma da Universidade do Paraná. Casou-se no ano seguinte com Damazina Corrêa de Bittencourt e teve três filhos: Dirce, Cássio e Raul.

Depois de trabalhar por conta própria, foi nomeado engenheiro da Secretaria de Viação e Obras Públicas, a mesma da qual seria titular três vezes, passando por uma série de cargos. Depois de chefiar a 2ª Residência do Departamento de Obras e Viação (atual DER) em Ponta Grossa, foi nomeado superintendente do Porto de Paranaguá, onde ficou nove anos, de 1937 a 1946, em pleno período da Segunda Guerra Mundial.

No Porto, entre outras obras, ampliou o cais acostável, construiu armazéns, estendeu a linha férrea e edificou as vilas da Madeira e Guarani para operários no bairro do Rocio. De volta a Curitiba, foi para a direção do Departamento de Edificações e Obras Especiais (DEOE), onde o interventor estadual - tenente-coronel Mário Gomes da Silva, homem de confiança do presidente recém-eleito, marechal Eurico Gaspar Dutra, e nomeado para cumprir o período de transição ditado pela Constituição de 1946 – foi buscá-lo para ser prefeito de Curitiba.

Raul Azevedo Macedo comandou a Prefeitura da Capital de 29 de outubro de 1946 a 14 de janeiro de 1947, justamente no período do governo Mário Gomes (empossado em 7 de outubro e exonerado em 2 de fevereiro do ano seguinte, com a posse do governador eleito Moysés Wille Lupion de Tróia). Voltou ao DEOE, acumulando as funções com a de membro da Comissão da Estrada de Ferro Central do Paraná. Em julho de 1950, foi nomeado secretário de Viação e Obras Públicas, cargo ao qual voltaria mais duas vezes, em maio de 1955 e julho de 1958, desta vez para substituir o filho Cássio.

Depois de mais de 35 anos dedicados à vida pública, Raul Macedo organizou com o filho Raul e o genro Jayme Loyola Junior uma empresa de engenharia. Morreu em Curitiba, em 6 de abril de 1980, um domingo de Páscoa. Do filho Cássio, a definição: “Um homem reto. Um homem de bem. Caráter forjado em bons exemplos. Homem público de notável produtividade. Pai de família extremoso”.

O engenheiro Raul Azevedo Macedo foi homenageado em 1983 pelo Governo do Paraná, que batizou com seu nome a rodovia PR-510, entre Campo Largo e Bateias, através do Decreto nº 6.156, assinado em 22 de fevereiro daquele ano pelo governador José Hosken de Novais e pelo secretário dos Transportes, Osires Stenghel Guimarães.



## Na SVOP, pela segunda vez

O governador do Paraná, Paulo Cruz Pimentel, encerrava seu mandato de cinco anos no Palácio Iguazu. Tinha sido eleito na última leva dos governadores escolhidos pelo voto direto, em 1965, já em pleno regime militar instalado pelo golpe de 31 de março do ano anterior. A partir de então, a eleição se daria pela via indireta.

Em 1971, o deputado federal pelo Paraná Haroldo Leon Peres, de Maringá, filiado à Arena (Aliança Renovadora Nacional, governista; o partido de oposição era o MDB/Movimento Democrático Brasileiro), foi indicado pelo presidente da República, o general gaúcho Emílio Garrastazú Médici, para suceder Pimentel, o que foi ratificado pela Assembleia Legislativa.

Antes da posse – marcada para 15 de março daquele ano – Cássio Macedo foi chamado por Leon Peres ao Rio de Janeiro, onde havia montado seu escritório para elaborar o plano de governo. Seu nome fora indicado pelo amigo Anyro de Araújo Jorge, empresário com o qual trabalhara. O futuro governador, que ele não conhecia, convidou-o para assumir a Secretaria dos Transportes, o que Cássio, polidamente recusou, argumentando que, sendo um empresário da área, não poderia misturar interesses. Mas aceitou a Secretaria de Obras, segunda opção que lhe foi colocada.

Nessa época, Cássio, como empresário de obras rodoviárias, era presidente da Apeop (Associação Paranaense dos Empreiteiros de Obras Públicas) e recém-eleito presidente do IEP (Instituto de Engenharia do Paraná). Renunciou à primeira, por considerá-la incompatível com sua nova função. E achou tempo para fazer o curso da Adesg (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra), realizado em Curitiba ao longo de 1971.

Cássio Macedo tomou posse pela segunda vez na SVOP às 11 horas de 16 de março de 1971. Na tarde do mesmo dia, a Assembleia Legislativa votou e aprovou a indicação do arquiteto Jaime Lerner para a Prefeitura de Curitiba. Lerner seria o responsável por uma verdadeira revolução urbana, que colocou Curitiba no mapa-mundi, qualificando-a como cidade-referência em planejamento.

No dia anterior, ao receber o cargo de Paulo Pimentel, que lhe desejara “uma gestão venturosa”, Haroldo Leon Peres destacou em seu discurso de posse: “Buscarei o alcance da justiça, sob a tutela da lei, tanto para os pequenos e desavisados que a transgridem, quanto, e sobretudo, para os poderosos ou detentores de autoridade pública que, por essa condição, têm dobrada obrigação de não atentar contra os interesses juridicamente protegidos do povo ou do estado”.

Ao lado de Cássio, foram nomeados secretários e titulares de órgãos públicos: Milton Menezes, Casa Civil; coronel Arivonil Fernandes dos Santos, Casa Militar; Rui Ferraz de Carvalho, Interior e Justiça; Lineo Emílio Klüppel, Fazenda; Carlos Afonso Meissner Osório, Agricultura; Daniel Egg, Saúde; Haroldo Souto Carvalhido, Educação; coronel Pérsio Ferreira, Segurança Pública; Cícero Heleno de Arruda Sampaio, Governo; Nabor Moraes Netto, Trabalho; Walfrido Strobel, Transportes; Anyro de Araújo Jorge, Badep; Ewaldo Vita, Banestado; coronel José Carlos Avelar, Polícia Militar; Ivo Meirelles de Almeida, Café do Paraná; Laufran Villanueva, Instituto de Previdência do Estado; Jayme Budant, Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina; Ives Chevalier, Paranatur; Vinicius Torres Sobrinho, Copasa; Arturo Andreolli, Copel; Ivan Ordini Righi, Procurador Geral do Estado; Wilson Ribeiro, DER; Levi Rebello, Cohapar; e Jaime Lerner, prefeito de Curitiba.

Na SVOP, Cássio Macedo montou sua equipe: para a Telepar (Companhia de Telecomunicações do Paraná) designou o engenheiro civil Plínio Franco Ferreira da Costa, que havia sido vice-governador de Paulo Pimentel, entre vários outros cargos, como presidente; Sanepar, Mário Brandalize; DEOE (Departamento de Edificações e Obras Especiais), Hallo Rinck Ribeiro; DAE (Departamento de Água e Esgoto), Gerhrard Leo Linzmayer; DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica), Celso Fabrício de Melo.

Para a assessoria da SVOP, fez duas escolhas que também sempre o orgulharam: a do advogado Belmiro Valverde Jobim Castor, mais tarde secretário de Estado do Planejamento (governo José Richa) e de Educação (governo Álvaro Dias), hoje professor do curso de doutorado da PUCPR, e o arquiteto Luiz Forte Neto, profissional de renomado currículo, que foi secretário estadual de Desenvolvimento Urbano (no terceiro governo Roberto Requião) e, anteriormente, presidente do Ippuc (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba). Seu chefe de gabinete era o advogado Waterloo Marchesini Junior.

Cássio deixou claro, na primeira hora, ao seu grupo de auxiliares, que “nenhuma construção será iniciada antes de contar com todos os trabalhos preliminares, como de sondagem geológica, levantamento topográfico, projetos de arquitetura, hidráulica e outros”, argumentando que “é muito mais fácil e econômico fazer um estudo detalhado de cada obra programada do que reestruturações posteriores”.

Iniciou programas de abastecimento de água no Paraná, de combate à erosão, de construção de escolas, ampliação da rede telefônica e uma nova política de saneamento, ao mesmo tempo em que desenvolvia uma reforma administrativa na secretaria.

Um incêndio havia destruído, em 1970, as obras do grande auditório do Teatro Guaíra. Cássio, depois de meticulosa vistoria nos escombros, que concluiu pelo aproveitamento da estrutura, determinou a retomada dos trabalhos. O Guairão (assim é conhecido o grande auditório; há o pequeno, o Guairinha, denominado de Salvador de Ferrante, e o mini, Glauco Flores de Sá Brito) foi inaugurado em dezembro de 1974, já na gestão do governador Emílio Hoffmann Gomes, e recebeu o nome do ex-governador Bento Munhoz da Rocha Neto, que havia iniciado a construção do complexo, em 1954, e inaugurado a primeira etapa em dezembro daquele ano, com a presença do presidente da República, João Café Filho.

Uma consulta aos jornais da época mostra a dinâmica que Cássio Macedo imprimiu ao dia-a-dia da SVOP. As notícias informavam do início do bloco 2 do Instituto de Educação de Maringá; da construção de 2.383 salas de aula no Paraná; da nova rede elétrica em várias cidades; da eletrificação rural ao longo da rodovia entre Ponta Grossa e Guarapuava; do abastecimento de águas para diversos bairros de Curitiba; da construção de cadeias; da inauguração do Instituto de Educação de Ponta Grossa; da criação de novas linhas telefônicas na Capital e no interior do Estado e da implantação, nas 24 maiores cidades paranaenses, do sistema DDD (Discagem Direta à Distância), graças a gestões feitas junto ao ministro das Comunicações, Hygino Corsetti.

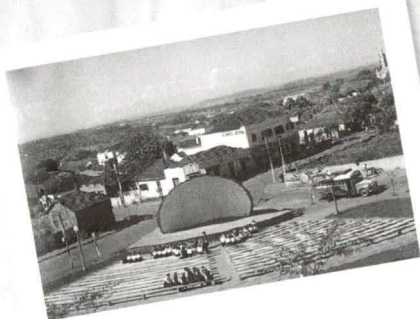
Cássio, aliás, viajava com frequência a Brasília, em busca de recursos para obras no Paraná, mantendo principalmente contatos com os ministros Jarbas Passarinho (Educação), Costa Cavalcanti (Interior) e Rocha Lagoa (Saúde). Com a Prefeitura de Curitiba firmou convênio para a execução de uma série de melhoramentos na cidade em questões relativas à sua Pasta.

Foram pouco mais de oito meses de muito trabalho, interrompido pela queda do governador. Leon Peres foi obrigado a renunciar por pressão do Palácio do Planalto, que teria provas de um encontro dele com o empresário Cecílio do Rego Almeida, no qual teria pedido comissão sobre o valor das obras realizadas pela empreiteira C R Almeida no Paraná.

Mas há outras explicações, mais picantes, que teriam motivado as ordens emanadas de Brasília.

Leon Peres foi substituído pelo seu vice, o engenheiro e professor Pedro Viriato Parigot de Souza, que morreu de câncer no exercício do cargo, em 11 de julho de 1973. A Assembleia Legislativa elegeu, então, como governador o ex-deputado Emílio Hoffmann Gomes e, como vice, Jaime Canet Junior.

Com a renúncia de Leon Peres, Cássio Macedo retornou às atividades empresariais e classistas. Poderia ter permanecido com Parigot, seu antigo professor, mas a Sinoda, empresa da qual estava licenciado, pediu sua presença.



*Concha Acústica de Londrina, uma das obras de Cássio na Capital do Café*

---

*Na primeira gestão da SVOP, com dirigentes de órgãos da Pasta*

---



*Posse na SVOP, em 1971, com o termo sendo lido pelo representante do governador, Waldir Xavier Tavares*

---

# O EMPRESÁRIO



## Uma vitória em Guaratuba

Cássio era frequentador da praia de Guaratuba (PR), onde o pai tinha uma casa. Determinado dia, em meados dos anos 1960, já atuando na iniciativa privada, resolveu contribuir para as melhorias da cidade. Foi ao prefeito e propôs a mesma estratégia que já havia adotado em Londrina, quando diretor de Obras e Planejamento: um plano comunitário para asfaltar a principal via do balneário, a avenida 29 de Abril, assim chamada em homenagem à data em que o antigo povoado foi elevado à categoria de vila, em 1771.

Na etapa seguinte, explicou o plano aos vereadores, em sessão que começou às nove da noite e terminou às duas da madrugada. Os vereadores eram nove, quatro a favor e quatro contra a obra proposta; o voto de Minerva seria do presidente da Câmara, que também se mostrava simpático à modernização. Ao final, a proposta foi aprovada por oito votos contra um.

Com autorização para tocar a obra, foi de casa em casa para obter a adesão dos moradores e comerciantes, obtendo 80% de participação. A essa época era diretor técnico da Iguaçu Ltda. Construções. E, assim, a 29 de Abril transformou-se em uma avenida pavimentada ao longo de um quilômetro, com 20 metros de largura, no trecho entre a praia e praça principal, nas imediações da baía. Um marco para a cidade.

A Iguaçu executaria diversas obras no litoral paranaense, como a rodovia entre Praia de Leste e Matinhos-Caiobá, e em outros pontos do Estado. A empresa tinha um encarregado de obras muito eficiente, chamado Adalberto, que, um dia, ganhou 200 mil cruzeiros na loteria, um dinheirão na época. Comprou o bilhete em Mandaguari, cidade do norte do Paraná.



- Satisfeito da vida, o Adalberto, que era um sujeito grandão, simpático, trabalhador, apareceu lá em casa com dois presentes – um faqueiro para minha mulher e um jogo de canetas para mim. Não havia como recusar. Depois, comprou uma casa em Curitiba e uma chácara, se não me engano, em Apucarana. Mas continuou a trabalhar duro. E bem. Eu explicava como devia ser a obra e ele fazia melhor - conta Cássio, que, mais tarde, levou o mestre de obras para a Sinoda.

## **Um recheado portfólio de obras**

Após exercer uma série de cargos públicos, no início da década de 1960, inclusive a chefia da Divisão de Pavimentação do DER e a direção técnica da Companhia Mista de Energia Elétrica Vale do Iguaçu, o engenheiro Cássio pediu licença sem vencimentos e resolveu trabalhar na iniciativa privada. Em 1962, ingressou na Rodopavi Ltda, onde foi diretor de obras. O dono da empresa, um italiano, passava seis meses no Brasil e seis na Itália. No ano seguinte assumiu a mesma função na Stop (Sociedade Técnica de Obras Públicas S/A), empresa com sede no Rio de Janeiro, cujo proprietário, Anyro de Araújo Jorge, seria o responsável, quase uma década depois, pela sua indicação ao secretariado de Haroldo Leon Peres.

Em 1965, criou, com Adonis Bufren e Lourival Barbosa Maciel, a Iguaçu Construções, com 33% de participação acionária. Bufren e Maciel já eram sócios na Sinoda (Adonis, ao contrário), uma grande empresa especializada em obras de terraplenagem. E a Iguaçu crescia bastante conquistando serviços de pavimentação. Até que, em 1969, a Sinoda a incorporou e Cássio passou a ser sócio-diretor com 10% do total, função que interrompeu em 1971 para ser, pela segunda vez, secretário de Estado de Viação e Obras Públicas. Depois, retornou e ali permaneceu até 1995.

Como empresário, Cássio desenvolveu grandes obras nos três estados do Sul. No Paraná, lista, entre outras: terraplenagem e pavimentação do trecho Morretes-Marta (12 km) e da rodovia PR 35 (Praia de Leste-Matinhos-Caiobá), 12,8 km; pavimentação do trecho Lapa-São Mateus do Sul da rodovia PR-5, 22 km: recapeamento asfáltico e pavimentação do trecho São Luiz do Purunã-Ponta Grossa, na rodovia BR-367; terraplenagem complementar e pavimentação do trecho Ponta Grossa-Castro, na rodovia PR-11, 25,2 km; do trecho Cascavel-Campo Mourão da BR-369, 30 km; recapeamento asfáltico e acostamentos do trecho São Luiz do Purunã-Ponta Grossa (BR-367); terraplenagem complementar e pavimentação dos trechos Ponta Grossa-Castro (25,2 km) e Joaquim Murtinho-Jaguairava (17 km), da PR-11; obras civis da Usina Hidrelétrica Júlio de Mesquita Filho, na foz do rio Chopim (PR).

No Rio Grande do Sul, do trecho Sarandi-Iraí-Cunhaporã, da rodovia BR-158/386, 46 km; do trecho Canguçu-São Sepé, da rodovia BR-392 (Pelotas-Santa Maria), 28,6 km; e da RS-19, entre Taquara e Sapiranga, 24 km.

Em Santa Catarina, rodovias SC-1 e SC-97, trecho Florianópolis-Ingleses do Rio Vermelho, e acessos a Jurerê e Canasvieiras, 32 km; do trecho São Lourenço D'Oeste-Divisa SC-PR, da rodovia SC-101, 30 km; do trecho Caçador-Le Bom Regis, 30 km; e de Bom Regis à BR-116, 30 km; recapeamento de trecho da BR-116, 78 km; implantação básica e pavimentação do trecho Rio do Sul-BR-116, da rodovia BR-470, 50 km.

Ainda em Santa Catarina, ao tempo em que Espiridião Amin era secretário de Transportes, a Sinoda ganhou a concorrência para pavimentar, em pista dupla, 5,5 quilômetros da ligação da BR-101 à ponte Colombo Salles, em Florianópolis. Uma das cabeceiras da ponte havia sido construída sobre uma gigantesca pedra que,

se dinamitada, poderia abalar a estrutura. Depois de analisar o problema e muito pensar, Cássio encontrou a solução: mandou fazer uma grande quantidade de furos na pedra, de maneira a enfraquecê-la e tornar possível destruí-la a marretadas.. E assim, o obstáculo foi removido com sucesso e sem causar danos.

Amin era advogado e havia também cursado matemática, mas entendia bastante de obras públicas e muitas vezes surpreendia os engenheiros com suas observações. Mais tarde, já governador, a amizade entre os dois se estreitou. Na inauguração dos 80 quilômetros da rodovia Lajes-São Joaquim, a temperatura baixíssima, Cássio preferiu acompanhar a solenidade em meio à população. Amin, do alto do palanque, em meio ao discurso, apontando-o, disse que, como ele, o empreiteiro (Cássio) também era careca, só que tinha “acostamento” (cabelo nas laterais da cabeça). E que, esperto, usava boné para se proteger do frio.

A construção do trecho de 60 quilômetros da rodovia Blumenau-Navegantes criou um problema com uma fazendeira. Perto de Blumenau, vizinha da propriedade, havia uma pedreira e ela alegava que as explosões de dinamite haviam matado um porco de susto e causado estresse nos demais. E lá foi Cássio, sempre com muita diplomacia, convencer a mulher que o transtorno era passageiro.

A remodelação das avenidas Baía Norte e Baía Sul, importantes vias de circulação da capital catarinense também foram obras conduzidas por Cássio Macedo, assim como a terraplenagem e pavimentação do aeroporto de Lontras, perto de Rio do Sul, fundamental para cerca de 30 municípios da região. O governador já era outro e o atraso nos pagamentos devido à Sinoda quase quebrou a empresa.

As obras no Paraná também renderam boas histórias. O projeto de uma estrada entre Londrina e Iporã atingiria uma

casa, cujo proprietário fez pé firme e recusou-se a sair. Não havia como desviar a pista. Cássio, então, mandou a motoniveladora abrir caminhos no entorno da residência, que ficou ilhada, no alto. Só assim o cidadão cedeu.

Em uma obra no litoral, chegou-se a um impasse com o dono de uma pedra, que se recusava, sem explicar porque, a vender o pedregulho necessário para a primeira camada da base da pista. Cássio foi conversar com o homem e descobriu que eram amigos desde os tempos de estudante. E resolveu a questão.

Paulo Pimentel era governador do Paraná e foi inspecionar a rodovia entre Lapa e União da Vitória, cuja obra estava sendo executada por várias empreiteiras. Foi de avião até União da Vitória e fez o trecho de volta de carro, sempre acompanhado do respectivo encarregado de cada fase. Reclamou muito do que viu e só se mostrou satisfeito ao cumprir os últimos 10 quilômetros, executados pela Sinoda, com Cássio ao volante do automóvel, explicando os detalhes.

Pimentel, porém, não gostava do projeto do aeroporto de Guaratuba e mandou parar a obra, à qual sempre se referia como “aquela porcaria”. Tempos depois, seu sucessor, Haroldo Leon Peres, determinou a retomada dos trabalhos, ainda em fase de terraplenagem. O então presidente do Paraguai, general Alfredo Stroessner, que tinha casa em Guaratuba e interesse no aeroporto, bancou a pavimentação da pista.

Em vistoria a obras entre Ibiporã e Jacarezinho (PR), Cássio passou por uma ponte em reforma, no rio Tibagi, onde um operário consertava a balaustrada. Como as obras poderiam representar perigo a motoristas menos cuidadosos, pediu ao cidadão que colocasse uma placa de “Devagar”. Na volta, viu que havia sido atendido. Só que o homem, semianalfabeto, havia escrito, em letras tortas:

- De Vaca, velhinho.

Como um “causo” puxa outro, lembra, quando era residente do DER, em Londrina, que acordou às três da manhã e, como perdeu o sono, resolveu verificar se estava tudo em ordem no serviço. Encontrou o vigia dormindo, com o cachorro preso à sua perna por uma corda. Diante de qualquer barulho, o cachorro puxava a corda, latia e o homem acordava. Uma terceirização que valeu uma reprimenda.

## **Usina de Segredo e o Anel de Integração**

Na segunda metade dos anos 1980, a Sinoda formou com duas outras empresas – DM e Cesbe - o consórcio vencedor da licitação para a construção da usina hidrelétrica de Segredo (hoje Governador Ney Aminthas de Barros Braga, em homenagem ao paranaense da Lapa que cumpriu dois mandatos à frente do Palácio Iguazu, 1961/1965 e 1979/1982). Cássio foi o responsável técnico da grande obra, localizada no rio Iguazu, a montante da foz do rio Jordão, no município de Mangueirinha, a cerca de 285 km de Curitiba.

Com capacidade instalada de 1.260 MW, Segredo foi a primeira hidrelétrica do Brasil a ter um projeto de impacto ambiental, uma obra de 145 metros de altura e 700 de comprimento. Cássio ia toda semana a Segredo. Os túneis de desvio do rio, com diâmetro de 13,5 m e comprimento de 661 a 778 m, foram iniciados em setembro de 1987, no governo Álvaro Dias, que praticamente executou toda a obra, sendo as turbinas instaladas no início da primeira gestão de Roberto Requião de Mello e Silva, seu sucessor, que inaugurou a usina em 1992.

Pouco mais de cinco anos depois, já no primeiro governo Jaime Lerner, o Paraná iniciou a implantação do Anel de Integração

rodoviária do estado, realizando concorrência pública para a seleção das empresas que iriam assumir as estradas concessionadas. A medida se amparou na Lei nº 9.277, de 10/5/1996, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que autorizava a União a delegar estradas federais aos estados. A malha rodoviária paranaense estava em péssimas condições e havia escassez de recursos financeiros. A solução seria entregar várias rodovias à iniciativa privada, que passaria a cobrar pedágio.

Em novembro de 1997, o governo estadual firmou os contratos de concessão com as seis empresas que iriam administrar o Anel de Integração, um conjunto de 2.493,5 quilômetros de extensão, entre rodovias principais e as de acesso: Econorte, Viapar, Ecocataratas, Caminhos do Paraná, RodoNorte e Ecovia.

Para fiscalizar as obras, foi criada uma Comissão Tripartite, com representantes do governo do estado, das empresas concessionárias e dos trabalhadores, com cinco membros cada uma. Cássio Macedo foi um dos atuantes membros da Comissão.

Antes de se encerrar suas atividades como engenheiro, Cássio foi ainda responsável técnico da Andraus Engenharia Ltda e da Sotil Construções, empresas do grupo Andraus.

# O ROTARIANO



## Os fundadores do Curitiba-Leste

Uma família de rotarianos. De fundadores de Rotary. Pai, filho e neto.

Numa reunião festiva de encerramento do ano, em 12 de dezembro de 2007 – em um de seus últimos pronunciamentos, antes que o problema de visão que o afligia há tempos se agravasse – Cássio Bittencourt Macedo falou dos 47 anos de fundação do Rotary Clube Curitiba - Leste, da qual ele participara ao lado de 26 outros companheiros.

Foi mais longe na história. Citou a criação, em 1933, da “célula mater rotária” no Paraná, o Rotary Clube Curitiba, cujo primeiro presidente foi o desembargador Clotário Macedo Portugal, presidente do Tribunal de Justiça do Paraná e tio de Cássio.

O Rotary Internacional foi fundado em 1905, em Chicago, por iniciativa do advogado Paul Percy Harris, que promoveu a primeira reunião em 23 de fevereiro daquele ano, com três de seus clientes – Gustavus Loerth, engenheiro de minas, Hiran Shorem, alfaiate, e Silvester Schiele, comerciante de carvão, que foi eleito presidente. Harris presidiria o clube de Chicago em 1907. O Rotary chegou ao Brasil pelo Rio de Janeiro, em dezembro de 1922. Onze anos depois estava criado em Curitiba. Em 1939, o pai de Cássio, Raul Azevedo Macedo, fundou o Rotary Clube Paranguá. E Cássio José, filho de Cássio, neto de Raul, é fundador do Rotary Cinquentenário, de Curitiba, em 1983.

Em 1958, nasceu o segundo clube da capital paranaense – o Rotary Clube Curitiba – Oeste que, no ano seguinte, foi padrinho do Rotary Clube Curitiba – Leste, que começou com 27 sócios-fundadores: Alvaro Bório, Cássio Bittencourt Macedo, Cyro Correa Pereira, Ehrenfried Luiz Ritzmann, Ernesto Tosta da Silva, Fausto Nascimento Bittencourt (escolhido presidente), Felix Brandão



Sobrinho, Franklin Chao, George Kern, Germano Fleischfresser, Gilberto Miroli, Hans Birke. Jacy Fernandes, José Loureiro Fernandes, Julio Maito Sobrinho, Leonel Prado Martins, Leonidas Lopes Bório, Luciano Botelho de Souza, Moysés Paciornik, Nerval Silva Filho, Otávio Langowski, Olavo Pereira de Oliveira, Omar Amorim Camargo, Othelo W. Lopes, Paulo Rodrigues dos Passos, Pedro Lapallú Deffés e Rosalino Mazziotti.

Este novo clube surgiu pela inspiração do médico e historiador Júlio Estrela Moreira, governador do Distrito 464, que designou os companheiros Guido Arzua e Eros Alves para formularem o anteprojeto do Curitiba – Leste, fundado em 23 de maio de 1959, tendo como primeiro presidente o advogado Fausto Nascimento Bittencourt.

No pronunciamento de 2007, Cássio lembrou como o jornalista e escritor José Wanderley Dias, registrou a reunião em um dos boletins do clube: “Um panô de Lucart. Das janelas amplas, Curitiba se descortinando aos olhos admirados de 27 líderes profissionais. Um salão em L, com mesas harmoniosamente distribuídas. Na mesa diretora dos trabalhos, uma panóplia de várias unidades da Federação brasileira, países amigos e centradas pelo Pavilhão Nacional, testemunha imponente e silenciosa de um ato de amor à Pátria e de reafirmação de um grupo de homens dispostos a prestar serviços e a lutar pela Paz mundial”.

No restaurante do Clube do Comércio, no último andar do edifício da Associação Comercial do Paraná, sede da primeira e das sucessivas reuniões do clube por considerável período de tempo, o presidente Fausto era ladeado por Júlio Moreira, governador do Distrito 464 à época; Mário Augusto de Queiroz, presidente do Clube padrinho, o Curitiba – Oeste; Eduardo Virmond de Lima, presidente do mais antigo clube do Paraná, o Curitiba; Moisés

Paciornik, primeiro vice-presidente; e Álvaro Bório, primeiro diretor de Protocolo do Leste.

O rotariano Felix Brandão Sobrinho registrou no boletim do clube de maio de 1984: “Um calafrio correu pela espinha dorsal dos companheiros quando Fausto, emocionado, bateu com o martelo no sino, anunciando o início da primeira reunião do Curitiba – Leste. Todos de pé, saudaram o Pavilhão Nacional, desfraldado por Júlio Moreira”.

## **Presidente e governador**

Cássio Macedo ingressou no Rotary em 1959, a convite de Júlio Moreira, logo após ter sido secretário de Viação e Obras Públicas pela primeira vez. Para ele, o começo do Curitiba – Leste contou com o decisivo apoio de companheiros do clube-padrinho, como Guido Arzua, Hilton Dácio Trevisan, Eros Alves, Mário Augusto de Queiroz, Carlos Marucco e José Luiz Demeterco, entre outros, “que nos mostraram o caminho e garantiram a firmeza de nossos primeiros passos, mesmo depois, quando em 17 de novembro, recebíamos o reconhecimento do Rotary Internacional, com a emissão de nossa carta constitutiva”.

No Curitiba – Leste, Cássio foi o sétimo presidente, no período 1965/1966, e dirigiu várias comissões internas e as Avenidas de Serviços. Em sua gestão, ampliou de 33 para 50 o número de sócios. O trabalho produtivo o credenciou ao cargo de Governador do Distrito 464 do Rotary, em 1975/1976. Uma feliz coincidência, pois 464 era seu número de registro no Crea-PR (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Paraná). Na época, o Paraná era dividido em apenas dois distritos – 463, região Norte, e 464, Sul. Hoje, este Distrito é o 4730.

Cássio lembra com carinho de antigos companheiros, como o engenheiro Omar Sabbag, ex-prefeito de Curitiba, que ele levou para o clube e a quem ia buscar na Prefeitura quase todas as semanas para a reunião-almoço; o advogado e jornalista Francisco Cunha Pereira Filho, diretor-presidente da Gazeta do Povo e da TV Paranaense (hoje RPCTV, do grupo GRPCOM); o advogado e jornalista José Wanderley Dias, que trabalhava na Caixa Econômica Federal; o juiz federal Milton Luiz Pereira, mais tarde ministro do Tribunal Superior de Justiça; o engenheiro e empresário José Alberto Pereira Ribeiro, que hoje preside a Aneor (Associação Nacional de Empresas de Obras Rodoviárias) e a Apeop (Associação Paranaense de Empresários de Obras Públicas), além de ter exercido outras funções de importância no cenário paranaense; o jornalista Dino José Bronze de Almeida, cronista do cotidiano paranaense, leitura diária obrigatória, primeiro no Diário do Paraná e depois na Gazeta do Povo; o advogado Paulo Roberto Munhoz Costa, ex-presidente do clube, que fez tremular pela primeira vez, na sede da FUR (Fundação da Unidade Rotária), no bairro Ahu, a bandeira brasileira de 40 metros quadrados, hasteada a 30 metros de altura.

A FUR passou a ser o endereço definitivo do Curitiba – Leste (e de vários outros clubes), a partir de 1993. Do Clube do Comércio, as reuniões haviam passado para o pavimento superior da agência do Banco Bamerindus (hoje HSBC) no Centro Cívico, “cedida em regime de comodato pela generosidade de seu então presidente Avelino Vieira, que sempre ocupou a galeria de nossos sócios honorários e faz, também, parte de nossa história”, faz questão de destacar o rotariano Cássio.

Como presidente, Cássio Macedo tomou duas iniciativas consideradas polêmicas: a primeira, estabelecendo que durante sua gestão todos os associados deveriam dizer, nas reuniões, algumas palavras para se identificarem com o Rotary. “Houve reação

negativa da parte de quatro companheiros, radicalmente avessos a microfones. Como a escolha seria por sorteio, concordei em retirar seus nomes da cumbuca”, lembra com humor. A outra foi lançar o repto de que não aceitaria, em seu período administrativo, nenhum pedido de demissão que não fosse por força maior, “mas inversamente receberia com muita satisfação o ingresso de novos companheiros, o que de fato ocorreu para não apenas minha, mas a alegria de todos”. A pontualidade para início e encerramento das reuniões foi outra marca de sua gestão.

Como governador, visitou todos os clubes de sua jurisdição. Em julho de 1975, logo após ser empossado, seu primeiro compromisso foi em Ponta Grossa, onde pernitoiu, e não pôde testemunhar o espetáculo da neve que deixou Curitiba toda branca na manhã do dia 17. Em Paranaguá, encontrou um dos dois clubes, o do Rocio, em situação precária, com apenas cinco integrantes. “Concedi um prazo de 30 dias, improrrogáveis, para a revitalização do clube, sob pena de fechá-lo. Orientados pelo saudoso Governador (1969/1970) Caetano Gomes Corrêa e com o apoio decisivo do companheiro Fernando Camargo Caldas, houve o soerguimento do clube em apenas 23 dias. O Rotary Paranaguá – Rocio transformou-se num caso de sucesso e, na sequência, elegeu dois governadores, Algacir Morgestern e Fernando Caldas”.

- Uma ocasião – conta Cássio -, fui a Laranjeiras do Sul, que tinha sido capital do ex-território do Iguazu\*, temporariamente desmembrado do Paraná, onde havia uma grande animosidade entre o prefeito e o Rotary local, em razão de muitos problemas existentes na cidade, agravada pelas críticas diárias de uma rádio pertencente a um rotariano. Em acordo com os companheiros, convidei o prefeito a participar de um jantar festivo do clube. Em meu discurso, naquela noite, manifestei meu desagrado com o que vinha acontecendo, pois a postura de alguns prejudicava a

comunidade e contrariava o ideal rotariano de servir. Surpreso, o prefeito falou das dificuldades financeiras da Prefeitura, pois pouca gente pagava imposto o que o impedia de realizar obras. Até havia pensado em renunciar ao cargo. Mas, diante do inesperado apoio, disse que se sentia fortalecido para prosseguir. E convidou-me a voltar a Laranjeiras para comprovar os melhoramentos.

Em Irati, conheceu um alfaiate, rotariano, que alugou um terreno, fez uma pequena chácara e para ali levava os mendigos da cidade, ensinando-lhes profissões.

- Numa visita ao Rotary Clube de Morretes – recorda -, fomos recebidos com muita pompa, até com banda de música. Durante o jantar, um dos garçons percebendo que me chamavam de ‘governador’, acercou-se e pediu emprego de faxineira para sua esposa no grupo escolar local.

- Em União da Vitória, fui convidado a conhecer o salão dançante de Porto Vitória, construído sobre molas de vagão, o que até dispensava os dançarinos de se movimentarem.

Em 1975, ainda, participou em Boca Raton, na Flórida (EUA), de uma assembleia internacional do Rotary, na qual todos os Governadores de Distritos deveriam fazer uma breve apresentação em inglês. “Ocorre que o presidente do Rotary Internacional era um brasileiro, Ernesto Imbassahy de Mello. Assim, quando chegou a minha vez, contrariando o protocolo, falei em português, no que fui acompanhado por outros governadores brasileiros. Tempos depois, ainda em minha gestão tive o privilégio de receber o presidente do RI em Curitiba”.

Membro do Colégio de Governadores do Rotary, em 2005, nas comemorações dos 100 anos do Rotary Internacional, Cássio recebeu a Placa de Reconhecimento ao Mérito pelos inestimáveis serviços prestados à instituição.

“O Rotary foi uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida”, garante, com muito entusiasmo.

*\*O Território do Iguaçu foi criado por decreto-lei nº 5812, baixado pelo presidente Getúlio Vargas, em 13 de setembro de 1943. Ocupava área de 51.452m<sup>2</sup> (surrupindo 25,75% da área do Paraná e 15,16% de Santa Catarina). Durou apenas três anos. Em 1946, a Assembleia Nacional Constituinte aprovou proposta de Emenda Supressiva, de autoria do deputado constituinte Bento Munhoz da Rocha Neto, acabando com o Território do Iguaçu e devolvendo as áreas ao Paraná e a Santa Catarina.*

# **Ô LÍDER CLASSISTA**



## Três mandatos na Apeop

Em 1967, Cássio Bittencourt Macedo inicia um novo capítulo de sua vitoriosa vida pessoal e profissional: o de líder classista.

Sete anos antes, um grupo de empresários havia criado a Apeop (Associação dos Empreiteiros de Obras do Estado do Paraná), nome logo mudado para Associação Paranaense dos Empreiteiros de Obras Públicas; mais tarde, o termo “empreiteiros” foi substituído por “empresários”.

O Paraná, segundo o censo de 1960, tinha 4.263.721 habitantes e crescia bastante. O governo dava ênfase a uma política de transportes. Além de uma série de obras definidas pelo plano rodoviário elaborado em 1951 pelo engenheiro Luiz Carlos Pereira Tourinho, ao qual agregou novos itens - como a Rodovia do Café (trecho Porto São José-Paranaguá), Rodovia dos Cereais (Melo Peixoto-Guaíra), Rodovia da Madeira (Ponta Grossa-Itararé), Rodovia do Mate (São Luís do Purunã-Campo Mourão) e Rodovia do Trigo (Curitiba-União da Vitória-Pato Branco) -, o programa de transportes do governador Moysés Lupion previa a ampliação do Porto de Paranaguá e a construção da ferrovia Central do Paraná, ligando Ponta Grossa a Apucarana.

Como destaca o livro comemorativo aos 40 anos da Apeop, editado no ano 2000, o Paraná investia firme em obras públicas, mas os recursos financeiros não eram compatíveis ao ritmo dos trabalhos. Os preços do café – produto-base da economia paranaense – haviam caído bastante no mercado internacional. Em consequência, os pagamentos das obras atrasavam. Mais do que isso, alguns empresários eram privilegiados em prejuízo de outros. A quitação das faturas nem sempre obedecia a ordem cronológica e intermediários se apresentavam para “negociar” com o governo.



A Apeop nasceu da necessidade da união dos empresários em torno dessa causa comum, mas com uma série de atribuições, entre as quais a de fortalecer o desenvolvimento do Estado mediante a parceria com os poderes públicos e de promover e estimular estudos, iniciativas e projetos de interesse público.

Cássio, que na entidade representava a Sinoda, foi o segundo presidente da Apeop, sucedendo ao engenheiro e amigo Kamal David Curi, que a comandou durante sete anos, desde a fundação, em 22 de outubro de 1960. Sua posse ocorreu em 21 de outubro de 1967, às 12h, em solenidade no auditório do Instituto de Engenharia do Paraná (IEP), entidade que viria a presidir logo depois.

O jornal “O Empreiteiro do Paraná”, órgão oficial da Apeop, criado pouco mais de um ano antes, destaca um trecho do pronunciamento do novo presidente: “Lutaremos pelo estreitamento das relações entre Governo e Apeop no estabelecimento de preços justos para obras e serviços contratados pelo poder público municipal, estadual e federal. Outra prioridade para a gestão é a procura de mercado de trabalho para os associados cujas necessidades sejam mais prementes e, também, dar atendimento aos associados residentes no interior do Estado”.

Na presidência da Apeop, para a qual seria reeleito em 1969, Cássio lutou pela criação de um fundo operacional – proposto pela Associação Brasileira dos Empreiteiros de Obras Públicas –, que seria abastecido com o depósito de 2,5% do valor das cauções que as empresas recolhem aos cofres públicos. A medida visava a socorrer empreiteiros em dificuldades financeiras motivadas pelo atraso dos pagamentos do governo.

A segunda posse de Cássio na Apeop, dia 22 de outubro de 1969, também na sede do IEP, foi prestigiada pelo vice-governador do Paraná, Plínio Franco Ferreira da Costa, que havia

sido seu chefe no DER, e pelo prefeito Omar Sabbag, seu colega de turma na Escola de Engenharia, entre uma série de autoridades de todos os segmentos da vida pública paranaense. E teve palestra sobre “Incidência de tributos federais na indústria da construção”, proferida pelo advogado Pedro Paulo de Rezende Porto, que representou na ocasião a Associação Paulista dos Empreiteiros de Obras Públicas.

Em março de 1971, convocado mais uma vez para o cargo de secretário de estado de Viação e Obras Públicas, agora na gestão do governador Haroldo Leon Peres, renuncia ao mandato na Apeop – que julgava incompatível com sua nova função –, passando a presidência ao vice, engenheiro João Dernízio Puppi, seu antigo colega dos tempos de faculdade. O novo governo durou pouco mais de oito meses: Peres foi obrigado a renunciar, sendo substituído pelo vice, o engenheiro Pedro Viriato Parigot de Souza. Cássio retornou à iniciativa privada.

Em 1975, volta à presidência da Apeop, que conquista após disputada eleição. A chapa União, por ele liderada, teve 47 votos contra 43 dados à chapa Renovação, cujo titular era o engenheiro Antonio Sérgio Guimarães Lück.

Na posse de seu terceiro mandato, 1975/1977, em 4 de novembro, Cássio firma posição contra a estatização do setor: “Saberemos transmitir às autoridades federais, estaduais e municipais a preocupação de toda classe pela estatização de qualquer um dos setores ligados à nossa atividade, mostrando-lhes que os custos finais das obras realizadas por administração direta são sempre inexoravelmente mais elevados e os prazos de execução são maiores do que as obras executadas pelo regime de empreitada, sem falar nos prejuízos decorrentes das inversões em equipamentos e posterior mão-de-obra ocioso no próprio poder público”.

Cássio foi sucedido na entidade pelo engenheiro José Burigo, que liderou chapa única.

A criação da Associação Catarinense de Empreiteiros de Obras Públicas (Aceop) também teve a discreta participação do líder classista paranaense. Estava sendo organizada uma entidade que congregaria empresários do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, sob o comando dos gaúchos. Cássio, que tocava obras no estado vizinho, sugeriu aos catarinenses que se reunissem em torno de associação própria, com a qual teriam muito mais força, o que foi feito.

Em 2011, nos 40 anos da Aceop, ele foi homenageado pela entidade, tendo sido, por problemas de saúde, representado na cerimônia pelo filho Cássio José Ribas de Macedo, atual 1º vice-presidente do IEP.

## **Maioria absoluta no IEP**

No Instituto de Engenharia do Paraná, Cássio chegou à presidência concorrendo com dois outros candidatos: o presidente Paulo Augusto Wendler, que disputava a reeleição, e o ex-presidente Eliasib Gonçalves Ennes, que havia comandado o IEP na gestão 1955-1956.

Na assembleia geral ordinária realizada em 14 de janeiro de 1971, à qual compareceram 554 associados votantes, obteve maioria absoluta, 52% dos votos, contra 48% dados aos dois outros concorrentes. Na presidência da mesa eleitoral estava o engenheiro Theodócio Jorge Atherino, depois reitor da UFPR. Para isso, além de sua liderança natural, alicerçada no prestígio alcançado nas duas primeiras gestões na Apeop e em sua capacidade de trabalho e de fazer amigos, Cássio contou com dois cabos eleitorais de peso:

o pai, Raul Azevedo Macedo, fundador do IEP e ex-prefeito de Curitiba, e do irmão, Raul Filho, também engenheiro.

Empossado em 6 de fevereiro daquele ano – data em que o IEP comemorava seus 45 anos de fundação -, o novo presidente tinha como companheiros de diretoria os engenheiros Ney Simas Pimpão, 1º vice-presidente; Wilson Ribeiro de Souza, 2º vice; Shido Ogura, 1º secretário; Rubens Curi, 2º secretário; José Moscalewski, 1º tesoureiro; e Ary Veloso Queiroz, 2º tesoureiro. O Departamento Social tinha como diretor Haylton Silva, o Cultural, Ney Fernando Perracini de Azevedo, o de Divulgação, Isaac Sender, e o de Obras da Sede, Vicente Antonio de Paula Costa.

José Moscalewski faleceu em setembro de 1972 e como o 2º tesoureiro, Ari Queiroz, estava licenciado, Cássio indicou para substituí-lo o engenheiro João Enéas Ramos de Sá, que acabara de ser empossado no Conselho Deliberativo. “João Enéas, homem íntegro, competente, grande caráter, meu colega de turma, que, inclusive, integrou uma das chapas adversárias na eleição, foi escolhido por unanimidade e marcou época no IEP como tesoureiro e administrador do consórcio de automóveis, pois participou de todas as diretorias que se seguiram, até falecer, em outubro de 1998”, lembra Cássio.

No Conselho Deliberativo eram membros titulares Cláudio Manoel de Loyola e Silva, Kamal David Cury, Geraldo Paulo Amaral, Walfrido Strobel, João Carlos Calvo, Agostinho Schwab, Cecílio Ferreira Gant, Harro Olavo Mueller, Fernando Niclevicz Carneiro, Wolmy Bruel, Aldo Ferdinando Patitucci, Francisco Borsari Neto, Hélio Bruggemann de Campos, João Schneider e Nelson de Luca; como suplentes, Jonel Chede, Henrique Knopfholz, João Dernízio Puppi, José Antonio Martins e Djalma Costa Palmeira.

No discurso de posse, Cássio deixou clara sua preocupação em acelerar a construção do edifício-sede da rua Emiliano Pernet, 174, que havia sido iniciado quase 20 anos antes, em uma das quatro gestões do presidente Carlos Luiz Lück. O terreno, onde, em tempos anteriores, funcionou a Escola República Argentina, foi doado pelo governo do estado, na administração Bento Munhoz da Rocha Neto.

O professor, engenheiro e general de brigada Luiz Carlos Pereira Tourinho, em cuja gestão, em 1976 – no cinquentenário do IEP -, a sede foi inaugurada, lembrou em seu relatório daquele ano que, para levantamento de recursos financeiros para as obras, havia sido aprovado, em 1950, um plano de emissão de ações. Cássio guarda até hoje a sua ação, de número 172, “nominal e indivisível”, no valor de CR\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros, moeda da época), registrada na folha 86 “do livro próprio”, em 12 de março de 1958.

Com projeto arquitetônico do engenheiro Rubens Meister e estrutural, do engenheiro Venevérito da Cunha, dois ex-presidentes do IEP, que os doaram à entidade, as primeiras estacas começaram a ser fincadas no início de 1954. Tourinho relata que as obras prosseguiram nas gestões dos presidentes Eliasib Gonçalves Ennes, Mário de Mari, Pedro Viriato Parigot de Souza, Ivo Arzua Pereira, Rubens Meister, Euro Brandão, Véspero Mendes e Paulo Augusto Wendler.

“Na diretoria do engenheiro Cássio Macedo foram fechadas com alvenaria de tijolos as paredes externas, do 4º ao 16º pavimento, concluído o emboço e reboco internos, colocadas esquadrias de alumínio do quarto, quinto e sexto pavimentos e concluído o revestimento externo da fachada principal e das laterais”. Para isso, foi preciso, também, obter valiosas contribuições de amigos, colegas e empresários, que forneciam cimento, ferro e até mão de obra.

Uma das primeiras providências do presidente Cássio foi abrir o IEP aos sábados, não só na parte administrativa como na social, instituindo uma “happy hour” no final da manhã. Aos poucos, a roda de amigos em torno da bebida e dos petiscos fornecidos pelo Instituto foi crescendo e os participantes eram gentilmente convidados a colaborar com recursos para as obras.

Cássio, em sua gestão, fez do IEP um verdadeiro “Clube dos Engenheiros”. Realizou jantares festivos, aproximando os associados e seus familiares; ampliou a pauta de cursos e palestras; instalou o salão de barbeiro e a alfaiataria que, até hoje, lá estão, cobrando preços reduzidos dos sócios; criou novos grupos do consórcio de automóveis; firmou convênios com médicos e dentistas; criou o Departamento Cultural, entregue ao engenheiro Ney Fernando Perracini Azevedo; bateu todos os recordes em admissão de novos sócios, que em sua gestão foram 425; promoveu uma Semana de Engenharia, que culminou com feijoada com a presença do governador Parigot de Souza. E realizou um dos maiores eventos programados pelo segmento no Paraná até hoje – a VII Convenção Nacional de Engenheiros, que trouxe a Curitiba cerca de 700 participantes de 12 estados brasileiros.

## **A grande Convenção**

Curitiba havia sido definida como sede da VII Convenção Nacional de Engenheiros no final da gestão do antecessor de Cássio no IEP, o engenheiro Paulo Augusto Wendler. Seria uma realização conjunta da Febrae (Federação Brasileira de Associações de Engenheiros) e do Instituto de Engenharia do Paraná. E passou a ser uma das preocupações importantes da agenda de trabalho do novo presidente.

Cássio foi ao Rio de Janeiro e a São Paulo tratar dos detalhes do evento junto à entidade parceira e a possíveis patrocinadores – e também para o lançamento oficial do encontro nessas duas cidades - e promoveu uma série de reuniões no IEP para montar a programação. Inicialmente, a Convenção foi marcada para meados de 1971, mas, por questões relativas a apoios e patrocínios, acabou sendo realizada de 12 a 18 de agosto de 1972, com a sessão solene lotando o auditório da Reitoria da UFPR. Reuniões preparatórias e seminários tiveram lugar no IEP e as palestras, outros seminários e demais sessões de trabalho, na sede da Fiep (Federação das Indústrias do Estado do Paraná), no Centro Cívico, que apoiou o evento, ao lado de várias outras entidades.

Quatro grandes temas embasaram a Convenção: A Independência do Brasil e a Engenharia, A Engenharia e a Indústria, A Função da Engenharia no Desenvolvimento Nacional e A Engenharia e os Cursos de Curta Duração. A Convenção, comandada pelos presidentes da Febrae, Francisco Saturnino Rodrigues de Brito Filho, e do IEP, Cássio Bittencourt Macedo, teve como presidente de honra o governador do Paraná, Pedro Viriato Parigot de Souza.

A Comissão Organizadora foi presidida por Harro Olavo Mueller, tendo como 1º vice-presidente Ney Simas Pimpão; 2º vice, Aristides Athaide Cordeiro; secretário, Ary Veloso Queiroz; tesoureiro, José Moscalewski, e os seguintes membros: Adolfo Osmário Mueller, Álvaro Bittencourt Lobo Filho, Carlos Luiz Lück, Hayton Silva, Henrique Knopfholz, Honório Petersen Hungria, Isaac Sender, Isaias Seade, João Carlos Calvo, João Enéas Ramos de Sá, Jonel Chede, Luiz Augusto Leão da Fonseca, Luiz Forte Neto, Luiz Renato de Abreu Mäder, Mário de Mari, Ney Fernando Perracini de Azevedo, Pedro Mortensen Netto, Rubens Curi, Shido Ogura, Vicente Montanha e Wilson Ribeiro de Souza.

Na noite de abertura, cerca de 700 engenheiros de boa parte do Brasil lotaram o auditório da Reitoria. Dois governadores estiveram presentes: o do Paraná, Parigot de Souza, e o de Santa Catarina, Colombo Machado Salles, engenheiro diplomado pela UFPR. A par da programação de palestras e seminários, houve visita técnica ao Porto de Paranaguá, concurso de monografia, eventos de confraternização, inclusive recepção dos participantes no Palácio Iguçu, e a I Feira Nacional de Engenharia e Indústria.

Na Convenção, cujo encerramento foi no auditório da Fiep, no Centro Cívico, foi escolhido como patrono da Engenharia Brasileira o engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin (1860-1933), que foi deputado federal, senador e prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro), onde realizou grandes obras. Ao mesmo tempo, foi ratificado o nome do engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito (1864-1929) como patrono da Engenharia Sanitária no Brasil, modalidade da qual foi considerado o pioneiro no país e responsável por uma série de inovações.

Esposas dos engenheiros paranaenses também tiveram participação ativa no evento, cuidando da programação social e turística, que mobilizou as senhoras Ivete Ribas Macedo, Aparecida Puppi, Josefina Silva, Zeneide Sinke Pimpão, Vera Lúcia Conti Queiroz, Rosy Knopfholz, Ety Forte, Neide Velloso Mueller e Gleycy Gonzaga Chede, além da engenheira Enedina Alves Marques, conforme destacou a imprensa na ocasião.

Cássio Macedo, que destaca a Convenção como “o maior evento de profissionais da Engenharia já realizado em Curitiba”, lembra um episódio interessante, ocorrido em meio à programação: uma forte chuva de granizo que encantou principalmente representantes do Norte e Nordeste do país. “No nosso estado não chove disso!” - exclamou um deles.



Um desdobramento do grande evento foi a outorga, meses depois, ao engenheiro-governador Pedro Viriato Parigot de Souza, do título de “Engenheiro do Ano”, pelo Instituto de Engenharia, de São Paulo, em reconhecimento à sua larga folha de relevantes trabalhos prestados à Engenharia brasileira, notadamente no campo da Hidráulica, e realçada por sua efetiva participação nos debates e pelo apoio conferido à VII Convenção.

## **Elegendo o sucessor**

Quando a gestão de Cássio no IEP caminhava para o final, ele resistiu a uma série de apelos para se candidatar à reeleição. Considerava que o trabalho de dois anos havia representado uma série de avanços para a entidade e que o momento era de se dedicar, em tempo integral, às atividades profissionais. Indicou, então, como candidato, o professor Luiz Carlos Pereira Tourinho.

Filho do fundador do IEP, Plínio Alves Monteiro Tourinho, o engenheiro Luiz Carlos era general de brigada da reserva, professor da UFPR, onde chefiou o Departamento de Transportes, ex-diretor do DER (Departamento de Estradas de Rodagem), deputado federal pelo Paraná na legislatura 1955-1959, tinha ocupado uma série de cargos públicos e presidia do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. A eleição de Tourinho levou à Assembleia Geral Ordinária do dia 15 de janeiro de 1973 exatos 682 votantes. A posse foi no 47º aniversário do IEP, dia 6 de fevereiro de 1973.

Luiz Carlos Pereira Tourinho ficaria na presidência do IEP pelos próximos 14 anos (sete gestões consecutivas), voltando ao posto na gestão 1993-1995, depois de três períodos administrativos do engenheiro Ney Fernando Perracini de Azevedo.

Cássio é atualmente membro nato dos Conselhos Consultivos do IEP e da Apeop, tendo integrado também o Conselho Consultivo da Fiep (Federação das Indústrias do Estado do Paraná),

representando o Sicepot (Sindicato da Indústria da Construção Pesada), onde foi vice-presidente durante seis anos e no qual foi homenageado com o Presidente benemérito.

Em dezembro de 1997, mereceu o Diploma de Mérito conferido pelo IEP e pelo Crea-PR pelos seus 50 anos de atividades profissionais, ao longo dos quais não sofreu nenhuma penalidade.

Mas outras homenagens importantes fazem parte de seu alentado currículo de obras e serviços: em 1999, recebeu da Fiep a Medalha do Mérito Industrial; no ano 2000, quando o ex-prefeito e ex-ministro Ivo Arzua Pereira foi eleito “Engenheiro do Ano” pelo IEP, Cássio figurou na lista dos destaques, no segmento de Obras Públicas. Três anos depois, em nova eleição entre os associados, foi ele o “Engenheiro do Ano”, recebendo em memorável sessão de gala o cobiçado Troféu Paraná de Engenharia. Cássio, emocionado, anunciou que dividia a honraria com o pai, Raul Azevedo Macedo, in memoriam. Em 2002, a Apeop entregou-lhe um troféu pela sua dedicação à entidade e pelos relevantes serviços a ela prestados.

Conhecendo sua larga folha de serviços prestados ao Paraná e à Capital, a Câmara Municipal de Curitiba concedeu-lhe, em 2006, o título de Vulto Emérito de Curitiba, aprovado por unanimidade e fruto de projeto, apresentado em dezembro do ano anterior, pelo vereador Zé Maria (José Maria Alves Pereira). A entrega se constituiu em memorável sessão cívica, que lotou as dependências do legislativo municipal.

A mais recente homenagem a Cássio Bittencourt Macedo foi prestada em janeiro de 2010 pelo Crea-PR, que lhe conferiu a Medalha do Mérito por indicação da Câmara Especializada de Engenharia Civil. A entrega ocorreu durante a solenidade de renovação do terço do Conselho. Exatos dois anos antes, o nome de Raul Azevedo Macedo havia sido inscrito no Livro do Mérito do Crea-PR, que destaca os profissionais já falecidos e que prestaram relevantes serviços à Engenharia paranaense.

representando o Sicepot (Sindicato da Indústria da Construção Pesada), onde foi vice-presidente durante seis anos e no qual foi homenageado com o Presidente benemérito.

Em dezembro de 1997, mereceu o Diploma de Mérito conferido pelo IEP e pelo Crea-PR pelos seus 50 anos de atividades profissionais, ao longo dos quais não sofreu nenhuma penalidade.

Mas outras homenagens importantes fazem parte de seu alentado currículo de obras e serviços: em 1999, recebeu da Fiep a Medalha do Mérito Industrial; no ano 2000, quando o ex-prefeito e ex-ministro Ivo Arzua Pereira foi eleito “Engenheiro do Ano” pelo IEP, Cássio figurou na lista dos destaques, no segmento de Obras Públicas. Três anos depois, em nova eleição entre os associados, foi ele o “Engenheiro do Ano”, recebendo em memorável sessão de gala o cobiçado Troféu Paraná de Engenharia. Cássio, emocionado, anunciou que dividia a honraria com o pai, Raul Azevedo Macedo, in memoriam. Em 2002, a Apeop entregou-lhe um troféu pela sua dedicação à entidade e pelos relevantes serviços a ela prestados.

Conhecendo sua larga folha de serviços prestados ao Paraná e à Capital, a Câmara Municipal de Curitiba concedeu-lhe, em 2006, o título de Vulto Emérito de Curitiba, aprovado por unanimidade e fruto de projeto, apresentado em dezembro do ano anterior, pelo vereador Zé Maria (José Maria Alves Pereira). A entrega se constituiu em memorável sessão cívica, que lotou as dependências do legislativo municipal.

A mais recente homenagem a Cássio Bittencourt Macedo foi prestada em janeiro de 2010 pelo Crea-PR, que lhe conferiu a Medalha do Mérito por indicação da Câmara Especializada de Engenharia Civil. A entrega ocorreu durante a solenidade de renovação do terço do Conselho. Exatos dois anos antes, o nome de Raul Azevedo Macedo havia sido inscrito no Livro do Mérito do Crea-PR, que destaca os profissionais já falecidos e que prestaram relevantes serviços à Engenharia paranaense.



*Trio de engenheiros:  
João Enéas Ramos de  
Sá, Cassio e Adelino  
Alves da Silva*

---

*Presidentes do IEP:  
Cássio, Euro Brandão,  
Ivo Arguina Pereira,  
Paulo Augusto Wen-  
dler, Luiz Carlos  
Pereira Tourinho,  
Venerívito da Cunha e  
Mário de Mari*

---



*Em cerimônia na Apeop,  
com o pai, Raul (esq)  
e o prefeito de Curitiba,  
Saul Raiz (de terno  
claro), entre outras  
autoridades*

---



Com os presidentes do  
IEP Ivo Mendes Lima,  
Volmir Selig, Venerá-  
rito da Cunha, Eliasib  
Gonçalves Ennes, Luiz  
Cláudio Mehl, Mário de  
Mari e Nei Perracini  
Azevedo, na festa dos  
80 anos do Instituto de  
Engenharia do PR

---

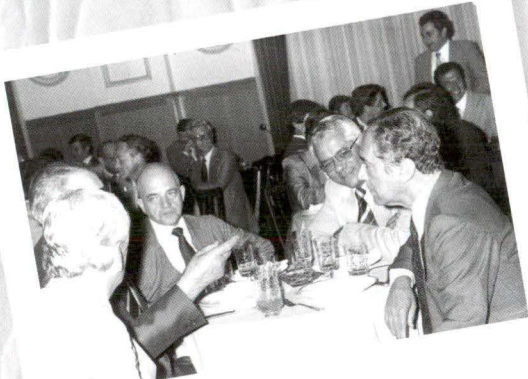
Abertura da VII  
Convenção Nacional  
de Engenheiros em  
Curitiba

---



Com o governador do  
Paraná, Pedro Viri-  
ato Parigot de Souza,  
presidente de honra da  
VII Convenção

---



*Com o governador do  
Paraná, Ney Braga  
(à direita)*

---



*Harro Olavo Mueller,  
Shido Ogura, Cássio  
Macedo, José Moscalewski  
e Ney Simas Pimpão, em  
evento da Engenharia*

---



*Entre o pai, Raul, e  
o amigo Gilberto de  
Alben Pires*

---



*Cássio como membro  
da mesa em eleição  
na Apeop*

---

*Engenheiros Paulo  
Magalhães, José Al-  
berto Pereira Ribeiro,  
Deni Schwarty, Nil-  
ton Migliozzi e Cássio  
Macedo*

---



*Cássio com Osires  
Stinghel Guimarães; ao  
fundo, Arturo An-  
dreolli e Carlos Alberto  
Pereira de Oliveira*

---

# O PATRIARCA





Cássio Bittencourt Macedo. Engenheiro. Homem público. Empresário. Rotariano. Líder Classista. Um construtor de caminhos. Personagem de múltiplas faces positivas. Sobretudo, um homem de família. Aos 90 anos, é o Patriarca, o cidadão respeitado, que cumpriu etapas da vida dentro do mais elevado padrão de dignidade e respeito ao próximo. Uma pessoa que nunca perdeu o bom humor nem diante das adversidades, como o problema de visão, irreversível, detectado anos atrás.

Do casamento com dona Ivete Ribas Macedo, filha de José dos Santos Ribas Filho e de Hermínia da Silva Ribas, celebrado em Curitiba, em 7 de outubro de 1948, na igreja do Senhor Bom Jesus – onde Cássio havia sido batizado e crismado -, nasceram, em Londrina, os filhos Ana Cristina, Cássio José e Raul Henrique.

Ana Cristina é casada com Nelson Saboia Ribas e tem duas filhas: Adriana Macedo Ribas e Juliana Macedo Ribas.

Cássio José casou-se com Consuelo Villanueva Macedo, que são pais de Diego Rodrigo Villanueva Macedo e de Cassiana Villanueva Macedo, casada com Eduardo Bittencourt da Rocha Santos, e avós da pequena Maria Eduarda Macedo da Rocha Santos, nascida em 5 de julho de 2010.

Raul Henrique é casado em segundas núpcias com Flávia Maria Nava Costacurta; do primeiro matrimônio, com Roselis Aguiar, teve dois filhos: Carolina Aguiar Macedo e Henrique Aguiar Macedo.

Depois do período londrinense, Cássio, dona Ivete e os três filhos foram morar num apartamento alugado perto da igreja do Cabral, onde ficaram dois anos, até que a casa que construía na rua Padre Anchieta, no Bigorrião – onde hoje reside Cássio José -, ficasse pronta.

Dona Ivete faleceu em 15 de setembro de 1992. Viúvo aos 70 anos, Cássio tocou a vida, tentando se refazer do impacto com ampla dedicação aos afazeres empresariais e classistas. Nessa época, era o engenheiro responsável pela usina de Segredo, já em fase final de construção. Dois anos e três meses depois, casou-se com dona Maria Amélia do Canto Rodrigues Macedo, que havia enviuvado havia 18 anos. Diplomada em Estudos Sociais, dona Maria Amélia, hoje aposentada, obteve a licenciatura em História e era professora de História e Geografia. Entre o namoro e o casamento, foram apenas três meses. O pedido oficial foi feito em Foz do Iguaçu.

- Maria Amélia é minha segunda mãe. Ela faz tudo, eu faço o resto – diz Cássio, sempre exercitando seu bom humor. Ele faz questão de frisar que tem uma terceira mãe, a irmã Dirce, casada com o procurador de Justiça Jayme Loyola Junior, professora de piano, cujos dotes artísticos foram herdados de dona Damazina, exímia violinista, e da qual fala sempre com muito carinho. O outro irmão, o engenheiro de saneamento Raul de Azevedo Macedo Filho, é casado com Dirce Alice Macedo.

Os primeiro sintomas do problema de visão de Cássio apareceram quando ele tinha 55 anos. Um glaucoma que não era proveniente de diabetes. Tentou todos os recursos para curá-lo. Foi a Campinas, fez várias cirurgias a laser, mas nada deu resultado. Como último recurso, implantaram uma válvula no olho direito, o que agravou ainda mais o problema. Diante disso, recusou-se ao mesmo procedimento no olho esquerdo, que também degenerou. Os “dinâmicos olhos verdes”, como escrevera certa vez uma colunista social, estavam condenados.

Nem isso, porém, abalou o bom humor de Cássio, que tem sempre uma palavra amiga para quem o visita e, quando menos se espera, saca uma das anedotas de seu imenso arsenal. Relembra as

coisas boas da vida e tem memória privilegiada. Acompanha com interesse o que se passa no mundo, ouvindo o noticiário da TV. Quando lhe é permitido, não recusa uma taça de vinho. Em seu apartamento, no Batel, há uma ampla mesa de jantar, onde sente prazer em reunir a família. Diverte-se com Lorenzo, 13 anos, neto de Maria Amélia, que curte suas histórias e faz questão de chamá-lo de avô. Ensina-lhe truques da matemática, pela qual foi apaixonado a vida inteira.

Os “causos” de Cássio, ao recordar as etapas de sua vida, dão um tempero muito especial aos acontecimentos do passado dos quais em boa parte foi o protagonista. Uma boa conversa o deixa extremamente animado. Gostaria muito de poder dar uns conselhos aos políticos de hoje.

Certamente, se quem exerce, na atualidade, a transitoriedade do poder fizesse como Cássio fez, com dedicação e amor pela causa pública, muita coisa poderia ser diferente. E melhor.



*Damazina e Raul  
Azevedo Macedo,  
pais de Cássio*

---



*Cássio, ao tempo  
de estudante*

---



*Na casa de Londrina  
com a esposa Ivete e a  
filha Ana Cristina*

---

*D. Ivete Macedo e os  
filhos Ana Cristina, Raul  
Henrique e Cássio José*

---





*Na casa do Bigorvilho  
com d. Ivete e a neta  
Adriana*

---



*Casamento com d. Ivete*

---



*Temporada de verão  
na praia de Guaratuba*

---

*Com a família, em  
viagem de férias no  
Rio de Janeiro*

---



*Cássio, d. Ivete, a filha  
Ana Cristina e as ne-  
tas Adriana e Juliana*

---

*Cássio José e o pai, em  
tempo de Natal*

---





*Momento de lazer na  
casa da chácara*

---

*Com a irmã Dirce e o  
cunhado Jaime Loyola*

---



*Com o genro Nelson, o  
filho Raul Henrique  
e os amigos Vladimir e  
José Maria Peixoto*

---



*Com os netos  
Adriana, Diego,  
Juliana e Cassiana*

---





*Com os netos Adriana,  
Juliana, Carolina,  
Diego, Cassiana e  
Henrique*

---

*Cássio e o presidente  
do IEP Gilberto Piva*

---



*Cássio, João Noel  
Azevedo Macedo,  
Enólia Macedo Bacelar  
e Francisco Luiz  
Romaguera Macedo*

---





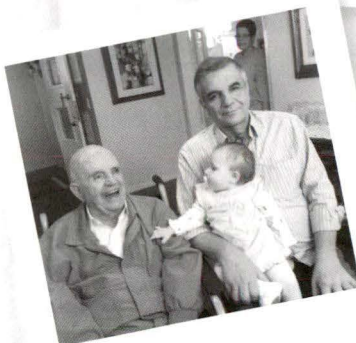
*Com os filhos Cássio  
José, Raul Henrique e  
Ana Cristina*

---



*Com d. Maria Amélia  
e a neta Carolina*

---



*Cássio com Cássio José  
e a bisneta Maria  
Eduarda*

---

*Cássio, d. Maria Amé-  
lia, a neta Cassiana e  
o marido Eduardo da  
Rocha Santos*

---



## Bibliografia

MACEDO, João Noel Azevedo e BACELAR, Enólia Macedo - Genealogia de Manoel Ribeiro de Macedo – Curitiba - 1998

FERREIRA, João Carlos Vicente - O Paraná e seus municípios, Ed. Memória Brasileira - 1996

WILLIAM, Wagner – O soldado absoluto – Uma biografia do marechal Henrique Lott - 2000

JULIATTO, Clemente Ivo e ZARUCH, Luiz Júlio – As flores do câmpus – Editora Champagnat - Curitiba – 2009

SCHWAB, Alceu – Música no Cassino Ahu - Secretaria de Estado da Cultura do Paraná – Curitiba - 1993

ZARUCH, Luiz Júlio – Cassino Ahu, sonhos e ilusões no girar da roleta – Jornal Panorama do Turismo – Curitiba – Maio 2006

Apeop – 40 anos construindo o Paraná – Oficina das Letras Editora – Curitiba - 2000

Memória de vida de Raul Azevedo Macedo – Boletim informativo nº 38 da Casa Romário Martins, Fundação Cultural de Curitiba – 1980

Atas da Apeop

Atas do IEP

Relatório dos 50 anos do IEP - 1976

Jornais Gazeta do Povo, O Estado do Paraná, Folha de Londrina, O Empreiteiro do Paraná

Pesquisas no Google

Agradáveis conversas com Dr. Cássio Bittencourt Macedo ao longo de 2011



Foto: Eneas Gomez

**JÚLIO ZARUCH** é jornalista, com atuação nas áreas de cidades, turismo e pesquisa histórica. Co-autor do livro “Do Bonde de Mula ao Ônibus Expresso”; organizador do livro “Cenário Brasil”, do Instituto de Engenharia do Paraná; co-autor, com o reitor Clemente Ivo Juliato, de “As Flores do Câmpus”, obra comemorativa aos 50 anos da PUCPR.

“O avô de Cássio Bittencourt Macedo, o coronel João Ribeiro de Macedo, era dono de uma vasta área verde no bairro Pilarzinho, às margens da rua Nilo Peçanha, em Curitiba (...) E foi ali que, em 13 de abril de 1922, uma quinta-feira, nasceu o menino Cássio, segundo filho de Raul Azevedo Macedo e de d. Damazina Bittencourt Macedo, irmão de Dyrce e de Raul Filho”.

“Com o diploma de engenheiro, obtido em 1947, Cássio preparava-se para uma longa e vitoriosa jornada profissional, que começou comendo o pó e amassando o barro vermelho do norte paranaense. Seguia os caminhos do pai. Era também chefe de Residência do DER, a 7ª, em Londrina”.

“No Rotary Clube Curitiba-Leste, Cássio foi o sétimo presidente, no período 1965/1966, e dirigiu várias comissões internas e as Avenidas de Serviços. O trabalho produtivo o credenciou ao cargo de Governador do Distrito 464 do Rotary, em 1975/1976”.

